À SOMBRA DA COROA.

Um Romance de Jean Plaidy

O Noivado

Eu escolhi como meu lema “O Tempo Desvenda a Verdade" e acredito que muitas vezes isso é verdade. Agora que estou doente, cansada e prestes a morrer, olhei para trás em minha vida que, no geral, foi triste e amarga, embora, como a maioria das pessoas, eu tenha tido alguns momentos de felicidade. Talvez tenha sido minha má sorte vir ao mundo sob a sombra da coroa, e essa sombra permaneceu comigo ao longo de todos os meus dias - meu direito a ela; minha capacidade de conquistá-la; meu poder de mantê-la.

Nenhum nascimento de criança poderia ter sido mais aguardado do que o meu. Era imperativo para minha mãe dar ao país um herdeiro. Ela já havia dado à luz uma filha natimorta, um filho que sobreviveu apenas até seu batismo para partir algumas semanas depois, outro filho que morreu ao nascer, e houve um parto prematuro. O Rei, meu pai, estava começando a ficar impaciente, perguntando a si mesmo por que Deus havia decidido puni-lo assim; minha mãe estava silenciosamente frenética, temendo que a culpa fosse dela. Ninguém podia acreditar que meu belo pai, semelhante a um deus em sua perfeição física, pudesse falhar onde o mendigo mais humilde nas ruas poderia ter sucesso.

Eu não estava ciente na época, é claro, mas soube mais tarde de toda a agitação e apreensão que a esperança de minha chegada trouxe comigo.

Então, às quatro horas da manhã de 18 de fevereiro daquele ano de 1516, nasci no Palácio de Greenwich.

Após a primeira decepção devido ao meu sexo ser do gênero errado, houve uma alegria geral - menos alegre, é claro, do que se eu fosse um menino, mas ainda assim eu estava viva e parecia saudável e, como acredito que meu pai comentou com minha pobre mãe, que acabara de sair do cansaço de um trabalho difícil, a criança estava bem formada, e eles poderiam ter mais... um menino na próxima vez, depois uma série dele.

Os sinos tocaram. O Rei e a Rainha podiam, pelo menos, ter um filho que tivesse uma chance de viver. Talvez alguns se lembrassem daquele outro filho, o precioso menino que havia gerado ainda maior regozijo e algumas semanas depois morreu no meio das celebrações por seu nascimento. Mas eu estava aqui, uma criança real, filha do Rei e da Rainha, e até que o tão esperado menino chegasse para me substituir, eu era herdeira do trono.

Eu gostava de ouvir sobre meu esplêndido batismo tanto de Lady Bryan, que era a dama mestra do lar, quanto da Condessa de Salisbury, que se tornou minha governanta real. Tinha ocorrido no terceiro dia após o meu nascimento, pois, de acordo com o costume, os batismos devem ocorrer o mais rápido possível, caso a criança não sobreviva. Aconteceu na Igreja Greyfriar, perto do Palácio de Greenwich, e a pia batismal de prata

tinha sido trazida da Christ Church em Canterbury, pois todas as crianças dos meus avós, Henry VII e Elizabeth de York, haviam tido essa pia de prata em seus batismos, e era adequado que fosse a mesma para mim. Tapetes foram colocados do Palácio até a pia, e a Condessa de Salisbury teve a grande honra de me carregar em seus braços.

Meu pai decretou que eu deveria ser nomeada em homenagem à sua irmã Mary. Ela sempre foi sua favorita, mesmo após seus feitos na França no ano anterior que o haviam enfurecido. Isso mostrou a profundidade de seu afeto por ela, que me deu o nome dela mesmo quando ela havia recentemente desagradado a ele ao se casar com o Duque de Suffolk quase imediatamente após a morte de seu marido, Luís XII da França. Ela estava mais ou menos no exílio na época do meu batismo, em desgraça e relativamente pobre, pois ela e Suffolk tiveram que devolver a meu pai o dote que ele havia pago aos franceses. Nos anos seguintes, eu gostava de me lembrar dessa inesperada ternura em sua natureza, e isso me proporcionava um pouco de conforto.

Meu padrinho era o Cardeal Wolsey, que, sob o Rei, era a pessoa mais importante do país naquela época. Ele me deu uma taça de ouro; da minha tia Mary, a Tudor desobediente após quem fui nomeada. Eu recebi um pomander. Eu adorava isso. Era uma bola dourada na qual era inserida uma pasta de perfumes requintados. Costumava levá-lo para a cama comigo e, mais tarde, o usava em meu cinto.

A melhor época da minha vida foi minha infância, antes de ter alguma noção das tempestades que me aguardavam. A inocência é um estado lindo quando se acredita que as pessoas são todas boas e está preparado para amá-las todas e esperar que esse amor seja retribuído. Não se tem consciência de que o mal existe, então não se procura por ele. Mas, infelizmente, chega o despertar.

Uma criança real não tem vida secreta. Ele ou ela é constantemente vigiado, e isso é especialmente verdadeiro se essa criança for importante para o estado. Digo isso sem vaidade. Eu era importante porque era a única filha do Rei, e se meus pais tivessem o menino desejado, minha importância diminuiria. Eu não deveria ter sido vigiada, inspecionada por embaixadores e recebido homenagem devida ao herdeiro do trono. É difícil entender quando se é jovem que a adulação e o respeito não são para si, mas para a Coroa.

Há memórias vagas em minha mente, sem dúvida provocadas por relatos que ouvi de membros da minha casa; mas me vejo aos dois anos sendo levantada por meu pai, mantida nas alturas enquanto ele me jogava para cima e me pegava em seus braços fortes e me segurava firmemente contra seu surcote cravejado de joias. Eu não tinha receio de que ele me deixasse cair. Eu nunca vi ninguém exalar poder como meu pai. Quando criança, eu acreditava que ele era diferente de todos os outros, um ser à parte. Claro, eu sempre o via como a pessoa mais poderosa do reino - o que indiscutivelmente ele era - e minha mente infantil o dotava de qualidades divinas. Ele não era apenas um rei; ele era um deus. Minha mãe e Sir Henry Rowte, meu padre, capelão e secretário pessoal, podiam me instruir em meus deveres para com aquele que estava acima de todos nós, mas nos meus primeiros dias, aquele era apenas o meu pai.

Eu estava tão feliz em ser segurada em seus braços e ver minha amada mãe ao meu lado, rindo, feliz, bonita e satisfeita comigo.

Lembro-me de meu pai me levando a um homem de vestes vermelhas que reverentemente pegou minha mão e a beijou. Meu pai olhou para esse homem com grande afeto, e parecia maravilhoso para mim que ele devesse beijar minha mão. Isso significava algo. Isso agradava ao meu pai. Eu já sabia naquela época que ele era meu padrinho, o grande Cardeal Wolsey.

Isso aconteceu quando eu tinha exatamente dois anos. Acredito que a cerimônia deve ter sido em reconhecimento a esse fato. Não foi apenas o grande Cardeal que beijou minha mão. Fui levada ao embaixador veneziano e ele foi apresentado a mim. Me disseram que eu tinha que estender a mão para ele beijar, o que fiz da maneira que me ensinaram, e eu sabia que isso fez o sorriso de aprovação aparecer nos cantos da boca do meu pai. Algumas pessoas foram apresentadas a mim depois, e acho que me lembro de algo disso. Enquanto estava nos braços do meu pai, vi um homem de túnicas escuras entre a assembleia. Eu o reconheci como um padre. Padres, me disseram, que eram homens santos, bons homens. Eu fui atraída por eles ao longo de toda a minha vida. Eu queria ver esse mais de perto, então gritei: "Padre, Padre. Venha aqui, Padre."

Houve surpresa entre a companhia, e meu pai fez sinal para o homem se aproximar. Ele fez isso e ficou diante de mim. Ele pegou minha mão e a beijou. Eu toquei suas túnicas escuras e disse: "Fique aqui, Padre." O homem sorriu para mim e, aproveitando a minha aprovação, ele superou seu temor pelo rei e gaguejou que a Princesa Mary era uma criança de muitos talentos e a mais brilhante e inteligente de sua idade que ele já havia visto.

As pessoas lembram daquela ocasião mais pela maneira como chamei o padre do que pelo fato de ser meu segundo aniversário e o Rei estar mostrando seu amor por mim e que ele estava se reconciliando com o fato de que talvez nunca tivesse um filho legítimo para sucedê-lo, o que faria de mim, sua filha, sua herdeira.

Naquela época, eu estava em Ditton, em Buckinghamshire. Do outro lado do rio estava o Castelo de Windsor, e havia um tráfego frequente entre os dois lugares. Eu esperava por essas ocasiões em que o barqueiro nos remava pelo rio. Minha casa era comandada pela Condessa de Salisbury, que foi uma mãe para mim quando minha amada mãe não podia estar comigo. Eu sabia que ela lamentava essas ausências e me fez entender que me amava muito. Apesar do meu respeito pelo meu pai, ela era a pessoa que eu mais amava no mundo.

Sempre que ela visitava a casa, ela e a Condessa falavam sobre mim. Minha mãe queria saber de tudo o que eu fazia, dizia e vestia. Ela me fazia sentir querida; e a maior tristeza da minha vida precoce decorria dessas ocasiões em que tínhamos que nos separar.

Ela dizia: "Em breve estaremos juntas novamente, e quando eu não estiver aqui, a Condessa será sua mãe em meu lugar."

“Só pode haver uma mãe", eu dizia a ela gravemente.

“Isso é verdade, minha criança", ela respondia. "Mas você ama a Condessa como ela ama você, e você deve fazer tudo o que ela lhe disser e, acima de tudo, lembre-se de que ela está lá... por mim."

Eu entendia. Eu era sábia para a minha idade. Eu tinha, Alice Wood, como minha lavadeira, ela costumava dizer, "uma cabeça velha sobre ombros pequenos". Pouco depois disso, quando eu tinha dois anos e oito meses, aconteceu meu primeiro noivado.

Um filho havia nascido para François Premier, o Rei da França, e meu pai e o Cardeal acreditavam que isso fortaleceria a amizade entre nossos dois países se um casamento fosse arranjado para nós. Embora eu fosse quase exatamente dois anos mais velha — o Delfim nasceu em 28 de fevereiro de 1518 — estávamos na mesma faixa etária. Eu não tinha noção do que tudo isso significava. Lembro-me vagamente da esplêndida cerimônia no Palácio de Greenwich, principalmente por causa das roupas que eu tinha que usar. Eram pesadas e incômodas; meu vestido era de tecido dourado, e meu chapéu de veludo preto estava tão encrustado de joias que mal conseguia suportar seu peso. Meu futuro noivo, com apenas oito meses de idade, foi naturalmente poupado da cerimônia e um almirante Bonnivet, de aparência um tanto solene, o representou. Lembro-me do pesado anel de diamantes que ele colocou no meu dedo.

O grande Cardeal celebrou a missa. Eu estava tão desconfortável em minhas vestes desajeitadas que só conseguia ficar feliz quando tudo acabou. A Condessa me disse que era uma ocasião muito importante e significava que um dia eu seria Rainha da França. Eu não precisava ficar alarmada. A cerimônia não seria repetida até que o Delfim completasse catorze anos — momento em que eu teria dezesseis anos... uma eternidade longe no tempo. Então eu deveria ir para a França para me preparar para a grande honra da realeza.

Minha mãe não compartilhava da alegria geral. Aprendi desde cedo que ela não gostava dos franceses.

Eu tinha três anos quando um evento de grande importância para minha mãe e, portanto, para mim, ocorreu. Claro que, nessa fase da minha vida, eu era completamente ignorante disso e das tempestades que começaram a lançar sombras sobre o casamento dos meus pais.

Mais tarde, ouvi tudo sobre isso.

Percebi que houve uma certa decepção com meu nascimento porque eu não era um menino, e antes do meu terceiro aniversário, estava ciente de que havia uma expectativa na Corte que tinha se infiltrado em minha casa. As pessoas sussurravam. Eu pegava uma palavra aqui e ali. Acho que devo ter sido um tanto precoce. Suponho que qualquer criança na minha posição teria sido. Eu não sabia o que os subtextos significavam, mas de alguma forma sentia que estavam lá.

Minha mãe estava doente e ouvi murmurar que isso era mais uma decepção, embora “isso” fosse apenas uma menina. O Rei estava irritado; a Rainha estava desolada. Era mais um caso de esperança não realizada.

"Bem, ainda há tempo", ouvi dizer. "E afinal, há a pequena Princesa."

E então nasceu um menino — não da minha mãe, no entanto. Ele era um menino muito importante, mas não podia me substituir. Havia alguma falha nele. Ele era — ouvi a palavra pronunciada com pena e um toque de desprezo — um bastardo.

Mas havia algo especial sobre este Bastardo

Eu aprendi a história mais tarde. Bessie Blount não foi a primeira amante do Rei. Como minha pobre mãe deve ter sofrido! Ela, filha da orgulhosa Isabel e Fernando, sendo forçada a aceitar tal situação. Os homens não eram fiéis... reis em particular... mas deveriam velar suas infidelidades com discrição. Ouvi muitas histórias sobre Bessie Blount; como ela era a estrela da Corte, como cantava mais lindamente e dançava com mais graça do que qualquer outra; e como o Rei, cansando-se de sua Rainha espanhola que, de qualquer forma, era mais de cinco anos mais velha que ele, era como qualquer outro homem na Corte, fascinado por ela

Havia outra mulher antes da chegada de Bessie Blount. Ela era a irmã do Duque de Buckingham e estava na Corte com o marido. O Duque de Buckingham se considerava mais real do que os Tudors. Seu pai descendia de Thomas de Woodstock, um filho de Eduardo III, e sua mãe era Catherine Woodville, irmã de Elizabeth, Rainha de Eduardo IV. Assim, ele tinha boas razões — especialmente porque os Plantagenetas tinham a tendência de considerar os Tudors como arrivistas. Minha querida Condessa de Salisbury era muito orgulhosa de sua ascendência Plantageneta, mas era sábia o suficiente para não falar sobre isso.

Entretanto, a cunhada da senhora errante descobriu o que estava acontecendo e relatou ao marido, o Duque, que ficou indignado que um membro de sua família se rebaixasse a se tornar amante de qualquer homem, mesmo que fosse o Rei. Sendo tão consciente de sua herança, ele não era o tipo de homem que ficaria de lado e chegou a repreender o Rei. Foi realmente uma tempestade e eu podia imaginar o interesse que despertou em toda a Corte e a angústia que trouxe à minha mãe.

A mulher foi levada para um convento por seu irmão e mantida lá. O Rei e o Duque se desentenderam, resultando na saída de Buckingham da Corte por um tempo. Suponho que não tenha sido considerado um incidente muito sério, mas acredito que tenha sido a primeira vez que minha mãe percebeu que o Rei buscava conforto em outros lugares.

O caso Bessie Blount foi algo completamente diferente - nada discreto nisso. Meu pai estava agora mostrando seu descontentamento de maneira petulante. Todos aqueles anos de casamento e apenas uma criança - e essa uma, uma menina! Algo estava errado, e, como meu pai nunca conseguia ver falha em si mesmo, culpou minha mãe. Convenceu a si mesmo de que nobremente se casara com a viúva de seu irmão; quando ela estava indefesa, ele agiu como um cavaleiro galante, como adorava fazer em suas máscaras e charadas, e por cavalheirismo, casou-se com ela. E como ela o retribuiu? Produzindo crianças que não sobreviveram... exceto por uma filha. Isso era inaceitável em sua posição. Ele precisava de herdeiros porque o país precisava deles. Ele tinha sido enganado.

Não havia mais prazer a ser encontrado na cama do casamento. Deus não o fez um monge, então era natural que ele, tão amargamente desapontado em seu casamento, se desviasse um pouco para se relaxar e lidar eficazmente com assuntos de estado.

Assim, havia a encantadora Bessie, a estrela da Corte, tão encantadora, desejada por muitos. Era natural que ela confortasse meu pai.

Talvez não fosse tão importante se Bessie não tivesse engravidado; e mesmo isso, por si só, não poderia ter causado tanto alvoroço. Mas Bessie teve um menino - um menino saudável! O filho do Rei, mas, infelizmente, nascido do lado errado da colcha, como dizem.

Um frêmito de excitação percorreu a Corte, tão óbvio que até eu, uma criança de três anos, estava ciente disso.

Quando minha mãe me visitava, eu percebia uma tristeza nela. Isso me entristecia momentaneamente, mas quando ela percebia isso, estava determinada a esconder e ficava mais alegre do que o habitual.

Eu esqueci disso. Mas mais tarde, é claro, olhando para trás, vi que era, de certa forma, o começo.

O menino foi nomeado Henry, como seu pai. Era uma criança brilhante e bonita, e o Rei se orgulhava dele. Ele era conhecido como Henry Fitzroy para que ninguém esquecesse de quem era filho. Bessie se casou com Sir Gilbert Talboys, um homem de grande riqueza, pois considerava-se apropriado que, sendo mãe, ela também fosse esposa. O menino deveria ter o melhor, e seu pai passava muito tempo com ele. Minha mãe costumava falar sobre isso comigo durante aqueles dias sombrios em que o “Assunto Secreto do Rei”, apesar desse apelido, era o assunto mais discutido na Corte.

Quando eu tinha quatro anos, meus pais foram para a França. Houve muita excitação sobre essa visita porque ela deveria marcar um novo vínculo de amizade entre a França e a Inglaterra. O Rei da França e meu pai iriam mostrar ao mundo que eram aliados; mas principalmente estavam dizendo isso ao Imperador Charles, que era rival de ambos.

Eu me perguntava se eles me levariam com eles. Mas não levaram. Em vez disso, fui enviado para Richmond. Isso foi uma mudança de Ditton, embora eu tivesse minha casa comigo e a Condessa e Lady Bryan estivessem encarregadas. Mas a Condessa tentou me impressionar que era diferente porque meus pais estavam fora do país, e isso me colocava em uma posição mais importante do que eu deveria estar se eles estivessem aqui. Tentei entender o que isso significava, mas a Condessa pareceu decidir que não podia explicar. Ouvi ela dizer a Lady Bryan: "Como isso pode ser esperado de uma criança?"

Houve muita conversa sobre o que estava acontecendo na França, e havia descrições de torneios e entretenimentos esplêndidos. A ocasião foi chamada de "O Campo do Pano de Ouro", o que evocava visões de grandeza em minha mente. Minha mãe me contou depois que não era tudo o que eles pensavam enquanto estava em andamento.

Sempre lamentei o fato de ter perdido grandes eventos e que eles chegaram até mim por meio de boatos. Muitas vezes me disse a mim mesma que, se eu estivesse presente, se pudesse ter vivido essas ocasiões importantes quando aconteceram, poderia ter aprendido muito e lidado mais habilmente com meus próprios problemas quando surgissem.

Foi enquanto meus pais estavam na França que três franceses de alta patente vieram à Corte.

Isso lançou a Condessa em uma agonia de dúvida. Ouvi ela discutindo o assunto com Sir Henry Rowte.

"É claro que temos que considerar a posição dela. Mas uma criança tão jovem... Ah, não, seria impossível, e ainda assim...."

Sir Henry disse: "Sua extrema juventude deve ser considerada por todos. Certamente..."

"Mas quem os receberá? Ela é.... quem ela é...."

Eu entendi que estavam falando sobre mim.

Uma decisão foi tomada. A Condessa veio para minha sala de aula, onde eu estava tendo uma lição de virginais.

"Princesa," ela disse, "importantes cavalheiros vieram da França. Se o Rei ou a Rainha estivessem aqui, eles os receberiam, mas como você sabe, eles estão na França. Então... como filha deles... você deve cumprimentar essas chegadas."

Não me ocorreu que isso seria difícil, e suponho que, como não sentia medo, conduzi a reunião de maneira que, devido à minha juventude, surpreendeu a todos que a testemunharam. Eu sabia como estender minha mão para ser beijada. Sabia que devia sorrir e ouvir o que era dito e, se não entendesse, apenas continuar sorrindo. Era fácil.

Eu estava ciente da admiração deles, e a Condessa observava, franzindo os lábios e balançando a cabeça um pouco, como fazia quando estava satisfeita.

Um dos cavalheiros me perguntou o que eu mais gostava de fazer. Eu considerei por um tempo e então disse que gostava de tocar virginais.

Eu tocaria para ele? ele perguntou.

Eu disse que sim.

Depois soube que todos se maravilharam com minha habilidade de tocar uma melodia sem falhas. Disseram que nunca tinham conhecido alguém tão jovem e tão bom músico.

A Condessa ficou satisfeita. Ela disse que meus pais ficariam encantados em ouvir como eu tinha entretecido seus convidados durante sua ausência.

Frequentemente, nos anos que se seguiram, eu olhava para trás naqueles dias iniciais e fervorosamente desejava nunca ter tido que crescer.

Em devido tempo, meus pais retornaram da França. Ainda se falava muito sobre o brilhante encontro dos dois reis. Mantive os ouvidos atentos e ouvi fragmentos de conversa entre os cortesãos quando estava na Corte. Aprendi como os dois reis haviam competido entre si, como estavam determinados a mostrar ao mundo - e ao Imperador Charles - que eram os melhores amigos. Quando estavam na igreja juntos, cada rei havia se afastado para que o outro beijasse a Bíblia primeiro, e finalmente o Rei da França havia convencido o Rei da Inglaterra a fazê-lo, pois ele era um hóspede em solo francês. Minha mãe e a Rainha da França haviam sido igualmente cuidadosas com os sentimentos uma da outra. Eu sabia que minha mãe tinha grande simpatia pela Rainha Claude. Ouvi sussurros: François era um libertino com quem nenhuma mulher estava segura, e a pobre Claude aleijada tinha muito a suportar.

Aquela ocasião em que o Rei da França forçou a entrada no quarto de meu pai quando ele estava na cama foi muito discutida. Meu pai tinha dito: "Sou seu prisioneiro", mas o Rei

da França tinha respondido encantadoramente: "Não, sou seu criado". E ele lhe entregou sua camisa. Era tudo um elaborado jogo de cena para mostrar a amizade entre eles e advertir o Imperador Charles - que era um jovem muito ambicioso - que teria que enfrentar o poder dos dois países, então era melhor ele não pensar em atacar um deles.

Naquela ocasião, meu pai deu a François um valioso colar cravejado de joias, e François respondeu dando a ele uma pulseira de valor ainda maior. Foi assim no Campo do Pano de Ouro. Cada rei tinha que superar o outro; e por causa da mudança de interesses, por causa dos jogos astutos e imprevisíveis que jogavam, muito em breve ficou claro para ambos os participantes que toda a empreitada tinha sido um enorme desperdício de tempo e riquezas.

Quando minha mãe retornou da França, jovem como eu era, percebi que ela não estava feliz. Entendi mais tarde que ela não gostava dos franceses; ela não confiava em François— e quão certa ela estava em relação a isso. Além disso, ela estava muito desconfortável porque toda a farsa do Campo do Pano de Ouro tinha sido um ato de desafio contra o Imperador Charles. Minha mãe era espanhola e, embora fosse devotada ao meu pai, não conseguia esquecer sua terra natal. Ela tinha amado sua mãe tão apaixonadamente quanto eu viria a amá-la, e ela a mim. Não poderia lhe dar prazer, considerando seu forte sentimento familiar, testemunhar seu marido se juntando a um aliado para se opor ao próprio sobrinho.

Nesse tempo, havia três homens poderosos dominando a Europa; eram François Premier da França, Charles, Imperador, e governante da Espanha, Áustria e dos Países Baixos, e meu pai, o Rei da Inglaterra. Todos eles eram mais ou menos da mesma idade—jovens, ambiciosos, determinados a superar uns aos outros. Havia uma semelhança entre François e meu pai; Charles era diferente. Para ele, não havia extravagâncias, banquetes suntuosos, torneios esplêndidos, vestimentas brilhantes. Ele era calmo e sério.

Minha mãe estava dividida entre o marido e o sobrinho. A entristecia muito pensar neles como inimigos. Ela não podia, é claro, me explicar isso naquela época.

Quando meus pais voltaram da França, após uma breve estadia com eles, eu retornei a Ditton Park; mas no Natal seguinte, eu estava com eles. Embora eu amasse profundamente a Condessa de Salisbury, Lady Bryan e toda a minha casa, eu esperava com grande prazer estar com meus pais. Meu pai era uma figura tão reluzente, e me alegrava, mesmo naquela idade precoce, ver como ele inspirava um certo temor em todos que estavam perto dele; até mesmo os homens mais importantes, como o Cardeal, a quem todos respeitavam e temiam, se curvavam diante do meu pai. Ele tinha uma risada alta e, quando estava alegre, seu rosto se iluminava de alegria e todos ao seu redor ficavam felizes. Eu o tinha visto, embora raramente, em um estado menos do que alegre. Nesses momentos, seus olhos pareciam dois pequenos pontos de gelo azul e sua boca era uma linha tão fina que eu pensava que ela desapareceria completamente. Um medo terrível se abatia sobre a companhia, e me parecia que todos tentariam se encolher para fora de vista. Isso era impressionante e terrível. Geralmente, alguém me apressava para longe nessas ocasiões.

Assim, enquanto eu o adorava, experimentava um pouco de medo mesmo naquela época. Mas isso só o tornava mais divino.

Com minha mãe, eu sempre me sentia segura e feliz. Ela era digna e distante, como convém a uma rainha, mas sempre calorosa e amorosa comigo. Embora eu estivesse orgulhoso de ter um pai tão reluzente e todo-poderoso, eu me sentia mais profundamente satisfeito no amor da minha mãe.

Naquele Natal que passei com eles, foi um que recordo bem. Havia tantos presentes—não apenas dos meus pais, mas das damas e cavalheiros da Corte. Lembro-me do cálice de ouro porque veio do Cardeal, e os jarros de prata acho que eram da Princesa Katharine Plantagenet, que era bastante idosa, sendo filha do meu tataravô, o Rei Edward IV. Em contraste com esses presentes valiosos, havia um de uma mulher pobre de Greenwich. Ela havia feito um pequeno arbusto de alecrim para mim, todo enfeitado com lantejoulas douradas. Isso me deu tanta alegria quanto qualquer outro presente.

Minha mãe fez daquele Natal algo para me encantar e chamou um grupo de crianças para encenar peças para mim. Lembro-me bem de algumas dessas peças. Foram escritas por um homem chamado John Heywood, que mais tarde teve bastante sucesso com suas obras dramáticas.

Esses primeiros anos foram passados principalmente na calma serenidade de Ditton, com visitas ocasionais aos meus pais. Essas memórias são de risos, música e dança, de cozinheiros e serviçais correndo para lá e para cá com grandes pratos de carne, carneiro, capões, cabeças de javalis e leitões, e na verdade qualquer carne que fosse possível pensar; de comer, beber e celebração geral, com meu pai sempre no centro. Ele podia cantar e deixar a companhia hipnotizada—talvez tanto por sua realeza quanto por seu talento; mas não havia dúvida de que na dança ele podia saltar mais alto do que qualquer um; ele era incansável. Nenhum estranho, vendo-o pela primeira vez, poderia duvidar que ele era o Rei e mestre de todos nós.

Eu estava orgulhosa de ser sua filha, e se eu pudesse ter tido um desejo, teria sido que meu sexo pudesse ser mudado, para que eu pudesse ser o garoto que o teria encantado como Henry Fitzroy fez e assim livrar minha mãe daquele olhar de ansiedade que eu via com mais frequência em seu rosto.

Mas talvez Henry Fitzroy tenha sentido algo semelhante, pois ele não podia dar completo prazer a meu pai por ser ilegítimo. Então ele tinha falhas assim como eu.

Pouco depois dos meus pais retornarem da França, algo aconteceu que causou ansiedade à minha madrinha, a Condessa de Salisbury. Na minha tenra idade, eu só estava ciente de uma agitação, e foi só mais tarde que entendi o que isso significava.

Isso dizia respeito a Edward Stafford, Duque de Buckingham, cuja posição o aproximava do Rei, e superficialmente eles eram bons amigos Pouco antes da festa ir para a França, Buckingham havia entretido o Rei de maneira suntuosa em Penshurst... Ouvi pessoas falando sobre as máscaras e banquetes que haviam sido de tal esplendor a ponto de superar até mesmo os dados pelo próprio Rei.

Buckingham não era um homem sábio. Ele nunca conseguia esquecer sua descendência real e lembrava as pessoas disso de qualquer maneira que se apresentasse. Ele deveria ter lembrado que, embora estivesse tão orgulhoso disso, na mente de um Tudor, isso poderia despertar certas suspeitas. Um homem inteligente teria sido mais sutil, mas pelo que ouvi

de Buckingham, ele nunca foi assim. O Rei poderia aproveitar as festividades enquanto durassem, mas depois ele não poderia se perguntar: Por que esse homem busca superar a realeza? A resposta era, porque ele se considerava igualmente real.... não, não igualmente, mais ainda era real.

Era verdade que o domínio dos Tudors sobre a coroa não era tão seguro quanto desejariam. Meu avô, Henrique VII, a havia conquistado ao derrotar Ricardo III em Bosworth Field em 1485; e muitos diriam que sua reivindicação não era muito forte. Buckingham era um desses. Mais tarde, eu veria os olhos de meu pai se estreitarem ao contemplar homens assim. Naquela época, ele era mais tolerante do que se tornaria mais tarde. Então, ele se deleitava com a aprovação de seus súditos, mas mais tarde só queria que aceitassem seu domínio. Cabia a eles gostar ou arriscar seu desagrado. Meu pai era um homem que mudou muito ao longo dos anos. Neste momento, ele estava apenas saindo da fase em que parecia cheio de simpatia e boa vontade para com os homens, o que o tornava o monarca mais popular que os homens lembravam. A crescente discórdia em seu casamento o estava transformando; ele estava passando de um homem satisfeito para um descontente, e isso afetava sua natureza e, consequentemente, sua atitude em relação aos súditos.

Buckingham tinha conexões poderosas no presente e no passado. Ele era casado com uma filha dos Percys, os grandes senhores do Norte. Seu filho, seu único filho, havia se casado com a filha da Condessa de Salisbury, estabelecendo assim uma conexão familiar entre ele e minha madrinha. Não é surpresa que ela estivesse preocupada. Ele tinha três filhas, uma das quais havia se casado com a família Norfolk, outra com o Conde de Westmorland e a terceira com o Lorde Abergavenny. Então ficava claro que Buckingham estava bem relacionado.

Alguém disse dele: "Meu senhor Buckingham é um nobre que seria um governante real."

Conhecendo meu pai agora, posso supor que tal comentário acenderia sinais de alerta em sua mente. Seu pai havia sido atormentado por pretendentes ao trono - Perkin Warbeck, Lambert Simnel, para citar os dois mais importantes. Um rei que se senta cautelosamente no trono precisa ser cuidadoso.

Buckingham era um homem estúpido. Foi um grande erro antagonizar Wolsey. Obcecado por sua nobreza, suponho que fosse natural que ele ressentisse um homem de origens humildes que havia subido tão alto que o Rei confiava em seu julgamento e o estimava mais do que o maior nobre da terra. Ele deveria ter mais sensatez do que desafiar a inteligência de Wolsey. Precário como era sua posição com o Rei, ele não podia se dar ao luxo de desafiar o homem mais inteligente do reino.

Por algum tempo, meu pai deve ter brincado com a ideia de se livrar do arrogante Buckingham, que, com o tempo, sem dúvida reivindicaria o trono.

As coisas chegaram a um ponto crítico por causa de um incidente simples, como essas coisas costumam ser. Era costume que um dos nobres de mais alto escalão segurasse a bacia enquanto o Rei lavava as mãos. Essa era a função de Buckingham. Wolsey estava ao lado do Rei, conversando amigavelmente com ele, como costumavam fazer juntos, pois se meu pai gostava de alguém, ele nunca hesitava em mostrar e permitiria a essa pessoa todo tipo de privilégios; e quando o Rei terminou de lavar as mãos, Wolsey tentou

usar a bacia também. Buckingham ficou indignado por segurar a bacia para um filho de um açougueiro de baixa extração, como ele o chamava. O pai de Wolsey possuía terras em Ipswich e talvez criava ovelhas e gado; se sim, ele certamente vendia as carcaças. Em qualquer caso, o epíteto "Cão do Açougueiro" frequentemente lhe era atribuído por seus muitos inimigos e frequentemente usado por aqueles invejosos de seu poder. O Duque inclinou a bacia e despejou a água nos sapatos de Wolsey. O Rei achou graça e nada foi feito do incidente na época, mas naturalmente não foi ignorado. Wolsey não esqueceria; Buckingham precisava aprender uma lição; e como o Rei já estava inquieto com as pretensões à realeza de Buckingham, não foi difícil apresentar uma acusação contra ele.

Homens em posições elevadas podem ter certeza de uma coisa: eles têm muitos inimigos. Não demorou muito para que um caso fosse apresentado contra Buckingham, e ele foi enviado para a Torre sob a acusação de traição.

Eu acredito que foi fácil comprovar um caso contra ele. Supostamente, ele teria ouvido profecias sobre a morte do rei e sua própria sucessão ao trono, até expressando a intenção de matar meu pai, mas isso era principalmente boato. O Rei queria se livrar dele. Ele sempre seria uma ameaça. Ele deve ter lembrado da inquietação de seu próprio pai, e Buckingham foi condenado como traidor. Ele foi decapitado na Colina da Torre, e seu corpo foi enterrado na igreja dos Frades Agostinianos.

Eu não teria conhecimento disso na época, já que eu tinha apenas cinco anos, mas eu estava ciente do efeito que teve sobre a Condessa, pois o filho do Duque era genro dela e era uma tragédia familiar. A Condessa era uma mulher inteligente. Ela sabia que o Duque não perdeu a cabeça por atos traiçoeiros. Ele morreu por sua proximidade ao trono. E ela mesma? Ela estava ainda mais próxima. Seu pai era irmão de Eduardo IV. Meu pai era neto desse Eduardo através de sua mãe, então eles eram parentes próximos; mas a Condessa através da linha masculina.

Minha querida Condessa, sendo perspicaz e uma mulher muito sábia, teria percebido que o Duque era um homem muito tolo que tinha ele mesmo a culpa por grande parte de suas desgraças. Mas também teria ficado evidente para ela que, diante de suas próprias conexões reais, ela estava em uma posição muito precária.

Crianças são perceptivas e talvez, sendo criada como eu fui, eu fosse especialmente assim. Mas eu me lembro daquele tempo e estava muito consciente de uma mudança na Condessa. Ela deve ter sido uma mulher muito preocupada.

Um dia, minha mãe chegou a Ditton. Eu tinha seis anos na época, mas, por estar próximo de eventos como o nascimento de Henry Fitzroy e a morte do Duque de Buckingham, eu estava começando a adquirir uma compreensão maior do que seria esperado para minha tenra idade.

Minha mãe parecia feliz e, tendo sido levemente consciente da angústia da Condessa e de que minha mãe havia estado ansiosa por algo anteriormente, fiquei feliz em vê-la assim.

Ela abraçou a Condessa e conversaram por um tempo. Então, fui trazida até elas. Minha mãe me beijou com grande afeto.

A Condessa disse: "Não duvido que Vossa Graça queira falar com a Princesa sozinha."

"Oh sim", respondeu minha mãe. "Mal posso esperar para comunicar as boas novas."

Quando estávamos sozinhas, ela se sentou e me puxou para perto. Eu fiquei ao lado dela, seus braços me envolvendo. Eu observei a felicidade em seus olhos e esperei ansiosamente para ouvir essas boas novas.

"Minha querida filha," ela disse, "você está prometida."

Eu fiquei confusa. Eu pensava que já estava prometida. Quando eu tinha dezesseis anos, deveria ir para a França aprender como ser a Rainha daquele país quando me casasse com o rapaz que agora era o Delfim.

"Sim, minha senhora", eu disse. "Eu sei que estou."

Ela balançou a cabeça. "Você não entende, querida criança. Essa é uma notícia maravilhosa. Você vai se casar com o Imperador Charles."

O Imperador Charles! Mas ele era nosso inimigo! O Campo do Pano de Ouro tinha acontecido para mostrar a ele como éramos amigáveis com o meu futuro sogro, o Rei da França.

"Mas, minha senhora", eu gaguejei, "e o Delfim?"

Minha mãe sorriu ternamente para mim. "Isso, minha querida, acabou, e isso me agrada muito. Teria sido uma grande tragédia. Mas vamos nos alegrar. O Imperador Charles é o maior governante da Europa... depois de seu pai", ela acrescentou rapidamente. "Ele é meio espanhol... filho da minha querida irmã Juana. É o que eu sempre quis para você."

Eu brilhava de prazer. Se minha mãe queria, devia ser bom. E era maravilhoso vê-la tão feliz.

"Meu pai deseja isso?" eu perguntei.

Ela riu. "Ele deseja... ou não seria. Veja, é melhor para nosso país ser amigo do Imperador do que da França. Tudo é bom nessa união. Você é meio espanhola por minha causa... e o Imperador é por sua mãe. A amizade com o Imperador é melhor para a Inglaterra. A aliança com a França não nos trouxe benefícios. Teria arruinado o comércio de lã, tão importante para a Inglaterra, já que nossa lã vai para Flandres, e Flandres está nos domínios do grande Imperador Charles— assim como grande parte da Europa. Mas você é muito jovem para entender..."

"Oh não, minha senhora. Eu quero saber. Eu quero saber... tudo."

Ela pegou meu rosto em suas mãos e o beijou. "Este é um dia feliz para mim", ela disse.

Então, se era um dia feliz para ela, também devia ser para mim.

Depois disso, minha mãe, Lady Salisbury e Lady Bryan falaram frequentemente comigo sobre o Imperador. Elas me fizeram sentir que eu era a garota mais afortunada do mundo porque seria sua noiva.

Ele era poderoso; ele era inteligente; ele era bonito; ele era tudo o que uma jovem poderia esperar em um marido. Por uma grande sorte, eu tinha sido poupada de um casamento

com a Corte da França, que era má e corrupta, e agora eu seria agraciada com o maior prêmio da cristandade.

Meu noivo tinha vinte e três anos. Eu tinha seis, então parecia haver uma certa disparidade em nossas idades. Isso não era nada, minha mãe me disse. Eu cresceria logo. Eu queria dizer que Charles também cresceria e, à medida que eu envelhecesse, ele também envelheceria. Em sete anos, me disseram, quando eu tivesse catorze anos, Charles estaria no auge.

Era maravilhoso ver todos felizes; então eu também estava feliz, pois acreditava que tudo que agradava minha mãe devia ser bom e certo e me agradar também.

Um dia, ela me disse que Charles estava tão encantado com tudo que ouvira sobre mim que estava vindo para a Inglaterra para me ver pessoalmente. E que, se eu o agradasse, haveria um noivado formal.

Eu estava um pouco ansiosa com a possibilidade de não agradá-lo, mas a Condessa acalmou minhas ansiedades com um sorriso terno. "Você é filha de seu pai, Princesa", ela disse. "Isso é suficiente para agradar qualquer pessoa."

Todas as mulheres da casa costumavam falar do meu romance com o Imperador Charles. "A Princesa está apaixonada", diziam. "Eu declaro que ela está sempre sonhando com seu noivo. E quem pode culpá-la? Um noivo assim! O grande Imperador em pessoa."

Era um jogo para mim. Eu ria com elas. Parecia maravilhoso estar apaixonada porque isso fazia todo mundo tão feliz.

Minha mãe veio para Ditton. Ela estava muito animada. "Tenho notícias maravilhosas para você, filha. O Imperador estará aqui em breve."

Eu juntei as mãos. Eu o veria... essa criatura maravilhosa, esse deus que, em minha mente, seria um pouco como meu pai, mas não assustador, carinhoso como minha mãe, apesar de ser tão poderoso - ou quase - quanto meu pai.

"Sim", disse minha mãe. "Embora neste momento ele esteja envolvido em uma guerra, ele está vindo para vê-la."

Isso parecia maravilhoso. Ninguém me disse que era porque ele estava envolvido em uma guerra, porque queria o apoio de meu pai contra os franceses, que concordara em me levar como noiva, mesmo que tivesse que esperar anos antes que eu pudesse assumir essa posição, e que em sua mente isso poderia nunca acontecer.

Eu acreditava então que ele me amava. Me disseram isso, e naquela época, não me ocorreu que os mais velhos nem sempre dizem o que querem dizer. Eles me disseram que eu viveria feliz com ele pelo resto da minha vida, e isso começaria assim que eu fosse grande o suficiente para ir até ele. O que poderia ser mais atraente do que um futuro risonho à distância, para que eu pudesse contemplá-lo com um prazer reconfortante sabendo que nada poderia ser alterado por muitos anos?

Isso parecia tão simples enquanto minha imaginação inexperiente lidava com os fragmentos de informações que eu recebia. Eu via o perverso Rei François, com seu nariz comprido e olhos satânicos, que havia traído meu pai no Campo do Pano de Ouro, que, o

tempo todo, professava amizade, mas estava tentando humilhá-lo, e que o havia saudado como irmão apenas porque queria ajuda contra aquele cavaleiro de virtude radiante, o Imperador Charles.

No devido tempo, Charles chegou à Inglaterra. Era junho, quatro meses após meu sexto aniversário. Eu estava em Greenwich, em um estado de imensa excitação, porque essa criatura mais maravilhosa chegaria em breve e eu o enfrentaria pessoalmente.

A Condessa falava incessantemente dele - do que eu deveria fazer, de como eu não deveria falar a menos que falassem comigo. Eu deveria praticar os virginais, pois ele certamente gostaria de me ouvir tocar. Eu dançava bem, mas eu deveria dançar melhor. Eu deveria brilhar mais do que todas as outras dançarinas. Talvez ele se interessasse mais pelo meu aprendizado do que pelas minhas graças sociais. Ele era desse tipo. Então, eu deveria estar no meu melhor em todos os sentidos. Havia discussões com a costureira. O que eu deveria vestir para a grande ocasião?

Eu estava em um estado de excitação febril.

"A Princesa está apaixonada", riam as mulheres.

Cada dia eu aguardava a chegada dele e ficava decepcionada.

"Por que ele não vem?" Eu perguntei à Lady Salisbury.

"Seu pai não o deixará ir", ela respondeu. "Veja, o Imperador é um governante muito importante. Ele é tão importante em seu próprio país quanto seu pai é aqui. Eles terão muito o que falar. Seu pai desejará oferecer grandes entretenimentos a ele e, embora o Imperador preferisse vir ver sua noiva, a etiqueta exige que ele participe de todos os banquetes, assista às máscaras e desfrute dos prazeres que foram preparados para ele. É por isso que ele não pode vir imediatamente."

Havia relatos do que estava acontecendo. Em Londres, eu ouvi, que estava ansiosa para receber o Imperador. Eu pensei que isso era porque todos estavam cientes de sua excelência. Eu não sabia que nossa recente amizade com os franceses havia ameaçado o comércio de lã, que era nossa maior exportação, e que os comerciantes perceberam que a aliança com o Imperador era mais benéfica para nós do que com a França. Eu não sabia que o Imperador estava ansioso pelo apoio da Inglaterra contra seu inimigo, o Rei François, e que nada firmava mais as alianças entre países do que os casamentos. Também não sabia que os noivados eram empreendidos com uma facilidade apenas comparável àquela com que eram abandonados quando era conveniente fazê-lo.

Como poderiam esperar que eu, aos seis anos, soubesse dessas coisas? É apenas através da amarga experiência que se aprende.

Então, eu ouvia os relatos do encontro entre meu pai e o Imperador, e eu conseguia visualizar as bandeiras nas ruas, o Lorde Prefeito e os Aldermans, tão esplendidamente vestidos, todos os cidadãos de Londres, e o Rei e a Rainha saindo para receber meu noivo, cercados por sua comitiva de nobres, cada um tentando superar o outro em sua glória.

Eu imaginava as festas, os discursos de boas-vindas, as peças encenadas para o deleite do Imperador. Eu queria poder vê-los: os maravilhosos tableaux que ganhavam vida quando o Imperador se aproximava, representando os dois governantes se abraçando. Havia um,

ouvi dizer, representando a Inglaterra. Era bastante mágico. Era da paisagem e retratava pássaros e animais, e acima havia uma imagem de Deus com uma bandeira proclamando: "Bem-aventurados os pacificadores, pois eles são filhos de Deus."

Todo dia eu ouvia falar dos torneios e máscaras que eram realizados para o prazer do Imperador. Eles eram muito extravagantes e muitos deles difamavam os malignos franceses e retratavam a determinação dos novos aliados em reprimir o astuto François.

"O Imperador", dizia a Condessa, "é um homem muito sério. Dizem que ele preferiria falar de diplomacia, mas o Rei está determinado a mostrar como ele acolhe seus amigos."

O que o Imperador queria era algo mais do que uma zombaria aos franceses; ele queria mais do que conversa simpática; ele queria ação do meu pai; em outras palavras, ele queria que os ingleses declarassem guerra à França; e em troca disso, ele estava pronto para ficar noivo da filha do rei.

Minha mãe veio para Greenwich. Havia grande excitação. Finalmente estava prestes a acontecer. Eu ia ver meu noivo.

Minha mãe estava toda sorrisos e felicidade. Ela me disse: "Ele está vindo te ver. Seu pai e ele chegaram a um acordo. Tudo está indo bem." Então ela me abraçou. "Este é o desejo mais querido da minha vida. O filho da minha querida irmã e minha própria filha. Se ao menos eu pudesse te dizer o que isso significa para mim!"

Ela ficou animada de repente. "Agora precisamos nos preparar", ela me disse. "Devemos estar prontos quando ele vier. Não podemos decepcioná-lo. Devemos garantir que você seja tudo o que ele acredita que você é."

Não havia muito tempo. Eu pratiquei o cravo. Dancei, girando como nunca havia girado antes; e, em devido tempo, vesti as roupas mais esplêndidas que já havia usado e estava ao lado da minha mãe quando a barca contendo meu noivo vinha navegando pelo rio até Greenwich.

Eu podia ouvir a música e os aplausos das pessoas nas margens do rio. Senti o toque tranquilizador de minha mãe em meu ombro.

"Em breve, minha filha", ela murmurou. "Em breve ele estará aqui."

Ele ficou lá ao lado do meu pai na barca. O contraste era grande. Todo homem parecia insignificante ao lado do meu pai, então eu estava acostumada com isso. Em tecido dourado com diamantes no boné, meu pai cintilava; e com ele estava o Cardeal em seu magnífico vermelho. Charles... ele era tão diferente. Suas roupas eram pretas e sombrias, iluminadas apenas pela pesada corrente de ouro em seu pescoço. Mas quando ele tirou o chapéu, vi o quão claro era seu cabelo, e pensei: Ele é tão majestoso quanto meu pai e não precisa de roupas finas para lembrar as pessoas disso. Tinham me dito que eu estava apaixonada por ele e eu acreditava que estava. De repente, me pareceu que havia algo mais digno em vestimentas sombrias do que em uma riqueza espalhafatosa. Tais pensamentos poderiam ter sido desleais ao meu pai, mas eu tinha que lembrar que estava apaixonada. Eu devia estar, porque me disseram; e eu estava feliz em ver minha mãe tão satisfeita.

Minha mãe e ele se olharam em silêncio por alguns momentos, depois se abraçaram.

Ele falou com ela em espanhol e ela respondeu a ele. Havia um trinado de felicidade em sua voz. Ela me contou depois que encontrá-lo trouxe de volta memórias de sua infância e de sua irmã e querida mãe. Suas primeiras palavras foram sobre a felicidade que ele sentia ao ver sua querida tia e sua encantadora prima, a quem ele já amava.

Então ele se ajoelhou e, como me disseram para fazer, estendi a mão; ele a pegou e a beijou.

Eu pude estudá-lo. Ele era de estatura mediana, embora nenhum homem parecesse alto ao lado do meu pai. Sendo tão justo, ele não parecia espanhol. Seu pai era austríaco e um dos homens mais bonitos da Europa. Ele era conhecido como "Filipe, o Belo". Charles era muito pálido, e seus olhos eram de um azul claro. Seus dentes estavam um pouco descoloridos, e ele tinha uma mandíbula pesada, que aprendi que ele herdara dos Habsburgos. Ele não era bonito como meu pai, mas seus olhos eram gentis, e seu sorriso me dizia que ele gostava de mim.

Meu pai estava assistindo com bom humor, então eu sabia que tudo estava bem. Foi um tempo feliz. Eu toquei virginais para ele; eu dancei; e ele observava com aprovação.

As pessoas diziam: "A princesa é encantadora."

Acredito que esses foram alguns dos dias mais felizes da minha vida.

Parecia que ele estava conosco por muito tempo. Quando olho para trás, tenho certeza de que ele olhava sem diversão para essas máscaras alegres. Quando meu pai entrava na grande sala disfarçado, como se sua dignidade real pudesse ser escondida; ele era ele mesmo e não havia outro igual a ele, Charles preferiria discutir maneiras de derrotar os franceses do que participar de danças frívolas.

Ele sempre foi gentil e atencioso comigo. Cavalgamos juntos. Ele disse à minha mãe que eu deveria aprender a língua espanhola, e ela concordou com ele. Ela tinha falado comigo de vez em quando, então eu não era completamente ignorante sobre isso - um fato que agradou muito a Charles.

APÓS UMA SEMANA ou algo assim em Greenwich, viajamos para Windsor, onde o tratado matrimonial foi assinado. Foi uma cerimônia muito solene presidida pelo Cardeal, e quando terminou, eu era a noiva prometida do Imperador, destinada a governar muitas terras um dia.

Foi impressionante, e pensei que seria feliz pelo resto dos meus dias.

Descobri que seria casada quando tivesse doze anos.

A Inglaterra declarara guerra à França, e meu pai e o Imperador concordaram sobre como dividiriam aquele país entre eles quando o conquistassem.

Fiquei consternada ao ouvir que Charles desejava que eu fosse para a Espanha para ser educada à maneira espanhola. Felizmente, meus pais não permitiram isso. Fiquei encantada e lisonjeada que eles não queriam se separar de mim.

Meu pai disse que, se eu fosse criada como uma dama espanhola, quem melhor para supervisionar a criação do que minha própria mãe?

Eu podia ver que a ideia a deleitava, pois ela poderia passar mais tempo comigo do que seus deveres como rainha permitiam anteriormente.

Sempre houve um amor especial entre minha mãe e eu, e à medida que ficamos mais próximas, ela falou comigo mais abertamente do que antes. Eu estava crescendo; e ela estava encantada que eu estava destinada à Espanha.

“Minha querida filha," ela disse. "Eu sempre soube que uma filha precisa deixar sua mãe em algum momento. Eu deixei a minha para vir para a Inglaterra. Mas eu saberei que você estará na Espanha, meu país... a terra onde passei minha infância, e você irá para lá como uma noiva. Você vai amar a Espanha, Mary. Você vai amar porque era o lar de sua mãe e você vai amar por si mesma e porque se tornará seu. Somos mais sérios do que os ingleses. Somos mais contidos... mais formais. Seu pai é alguém que os ingleses amam — embora, na verdade, ele seja meio galês... mas ele se tornou um inglês ideal. Ele é muito amado por seus súditos. Você, minha filha, é mais como eu. A Espanha será sua casa natural. Estou tão feliz por você”

Ela então falou de sua mãe e seu pai, Isabella e Ferdinand. "Minha mãe foi a mulher mais maravilhosa que já conheci. Ela foi uma grande governante e uma mãe amorosa. Não é sempre fácil ser ambos. Você é filha única." Eu vi o olhar de terror passar por seu rosto, e isso me assustou. "Eu era a mais jovem da família", ela continuou. "Eu tinha um irmão e três irmãs. Eu era feliz em minha família, e apesar do fato de que minha mãe estava muito envolvida em questões de estado, ela sempre tinha tempo para passar conosco, para ouvir o que tínhamos a dizer e nos fazer entender que, seja o que for, ela era antes de tudo nossa mãe.”

Seus olhos tristes voltaram para aqueles dias e eu os vi se iluminarem com o prazer que vem de memórias felizes, mesmo que elas devam ser tingidas de tristeza porque já passaram.

“Eu tinha apenas cinco anos... mais ou menos da sua idade... quando minha irmã Isabel foi prometida em Sevilha a Alfonso de Portugal. Foi uma grande cerimônia. Minhas irmãs Juana e Maria estavam comigo. Dois anos depois, estive presente na entrada triunfal em Granada. Foi quando meus pais expulsaram os mouros. Eram tempos agitados... e ainda assim eu me lembro mais claramente da nossa vida familiar do que desses grandes eventos.”

“Você deve ter ficado triste, minha senhora, em deixá-la.”

“Ah, minha querida criança, como eu estava triste... e com medo! Eu tinha dezesseis anos quando zarpei para a Inglaterra. Vim me casar com seu tio Arthur, você sabe. Coitado do Arthur, ele morreu logo após o nosso casamento.”

“E então você se casou com meu pai.”

“Sim, mas não foi até algum tempo depois." Ela fechou os olhos como se isso fosse algo doloroso demais para contemplar.

“Então você teve dois maridos, minha senhora.”

“Arthur não foi realmente um marido. Bem, passamos pela cerimônia, mas ele era jovem demais para o casamento, e o tempo todo que estivemos juntos ele estava doente... tão doente.”

“Você o amava, não é?”

Ela hesitou. "Ele era um rapaz gentil, bom, mas estava tão doente... tão diferente de seu pai. Era difícil acreditar que eles eram irmãos. Fomos enviados para Ludlow porque, como ele era Príncipe de Gales, ele deveria ter sua própria Corte. Tínhamos acabado de chegar lá há alguns meses quando ele morreu. Pobre Arthur, sua vida foi triste. E então seu pai, que estava destinado à igreja, tornou-se o Príncipe de Gales e futuro Rei."

"É difícil imaginar meu pai sendo qualquer coisa além de Rei, e certamente não um padre."

Ela assentiu. "Sim. Ele nasceu para ser rei. Ah, fico triste ao pensar nos velhos tempos, e agora temos tanto pelo que podemos nos alegrar. Você vai ser feliz, minha filha. E precisamos te preparar para o seu futuro. Estou feliz que o Dr. Linacre esteja conosco. Ele foi tutor do Príncipe Arthur e eu sei o quanto ele vale."

Eu gostava do Dr. Linacre. Ele era um homem muito idoso - um estudioso, além de médico. Ele havia escrito vários livros, principalmente sobre gramática. Havia um que ele havia produzido para o Príncipe Arthur e outro que ele fez para mim. Ele estava bastante frágil agora e muito diferente de Johannes Ludovicus Vives, a quem minha mãe havia trazido da Espanha para supervisionar meus estudos.

Com a chegada desse homem, minha vida mudou. Foi meu primeiro encontro com um fanático. Ele era pálido, estético e magro. Era uma daquelas pessoas que gostam de se atormentar, assim como os outros. Era sua firme convicção de que não fomos colocados na Terra para aproveitar nossas vidas, e que havia uma grande virtude no sofrimento. Quanto mais espinhoso fosse nosso caminho terreno, maior glória alcançaríamos no Céu. Ele era completamente diferente do meu pai, que, embora sempre mantivesse um olhar cauteloso e apaziguador na vida futura, tinha uma grande determinação em aproveitar seu tempo na Terra; e eu tinha certeza de que ele acreditava que era a vontade de Deus, já que havia sido agraciado com meios especiais para fazê-lo. Eles tinham uma coisa em comum, no entanto; ambos eram tiranos, mas só descobri isso em relação ao meu pai mais tarde. É surpreendente, olhando para trás, como se vê as coisas claramente. Minha firme crença na Fé Católica e minha convicção de que todos aqueles que dela se afastavam eram pecadores que mereciam morrer foram instiladas em mim desde tenra idade - e eu nunca consegui me livrar delas. Minha saúde frágil poderia ter sido devido às longas horas gastas em meus livros e à ansiedade para agradar meu tutor exigente.

Minha meia-irmã Elizabeth, que na época não havia nascido, mas que mais tarde se tornou tão importante em minha vida que parecia, às vezes, dominá-la, recebeu uma educação semelhante, mas ela era diferente. Ela nunca sentiu a mesma fidelidade à religião; ela tinha seus olhos voltados para um único objetivo ao longo de sua vida; ela queria governar o país e raramente se desviava do caminho do interesse próprio. Ela teria sido católica se fosse isso que as pessoas desejassem. Ela não estava lá para me atormentar naquele momento, mas mais tarde eu caí no hábito de me comparar com ela.

Vives deixou claro que, se fosse responsável pela minha educação, deveria ter controle total. Minha mãe estava totalmente sob sua influência. Ele era espanhol e eu deveria ser espanhola. Através do meu casamento com o sobrinho dela, ela poderia encontrar consolo por tudo o que tinha sofrido na Inglaterra. Quanto ao meu pai, ele estava imerso em seus próprios planos naquela época e eles não incluíam a mim... apenas quando me tornei um incômodo menor, mas isso não era assim nesta fase inicial.

Ele havia dito: "Se o Imperador pudesse procurar em toda a cristandade por uma amante para criar a Princesa Mary e moldá-la conforme o modo da Espanha, quem poderia ser mais adequada do que a Graça da Rainha, sua mãe, que vem da Casa Real da Espanha e que, pelo afeto que tem pelo Imperador, a educará e a criará para a satisfação dele."

Isso parecia muito lisonjeiro para minha mãe, e eu estava encantada que ele estivesse ansioso para que eu não fosse para a Espanha, como o Imperador desejava. Em minha inocência, pensei que isso era uma medida do amor de meu pai por mim.

Quão amarga me tornei depois, e não era surpresa. Na verdade, ele não queria que eu fosse porque em seu coração ele já estava se perguntando se o casamento algum dia aconteceria e se em breve ele deveria reverter suas lealdades, mostrando amizade pelos franceses, o que poderia significar oferecer sua filha em um altar de sacrifício diferente.

Mas naquela época, eu vivia nos meus sonhos, e eu deveria obedecer às regras que Vives havia estabelecido e apresentado aos meus pais. Eu precisava ser governada por essas regras, e não deveria haver desvio delas. Então ele disse que eu deveria lembrar do exemplo doméstico de probidade e sabedoria de minha mãe e, exceto se todas as expectativas humanas falhassem, eu deveria ser santa e boa por necessidade.

Minha mãe havia sido criada de maneira muito virtuosa, mas ela tinha tido irmãs e um irmão, e eu costumava desejar ter alguns da minha própria. Se ao menos eu tivesse uma irmã - alguém para brincar, para compartilhar coisas. Eu sabia o suficiente para perceber que estava ecoando os desejos dos meus pais.

Eu tinha certa predileção por histórias de romance e cavalaria. Era agradável, após as lições e exercícios ao ar livre, sentar e ler com a Condessa ou talvez Margaret Bryan.

Quando Vives ouviu isso, ficou chocado. "Livros ociosos!" ele declarou. "Isso terá um fim. Se há histórias para recreação, devem ser da Bíblia, embora as clássicas e históricas possam ser permitidas ocasionalmente."

Tudo o que eu fizesse deveria ter como objetivo melhorar minha mente. Ficção estava fora de questão. Nada de romances, como Lancelot du Lac e Píramo e Tisbe. Eu poderia ler a história da paciente Griselda, pois isso fortaleceria meu caráter.

Jogar cartas era definitivamente proibido. Eu não deveria me preocupar com adornos de nenhum tipo. Em vez de me deliciar com sedas e belos brocados, eu deveria memorizar certos trechos em grego e latim que seriam designados para mim; e recomendava-se repeti-los à noite até que eu os soubesse de cor. Somente então eu poderia ir para a cama sabendo que havia merecido meu descanso.

Eu estava passando muito tempo à minha mesa. Eu sempre fui uma criança estudiosa e gostava de aprender, mas eu queria ter a chance de estar ao ar livre, treinar meu falcão,

talvez brincar com outras crianças. Eu fiquei um pouco pálida. Eu já estava um pouco magra.

A Condessa estava preocupada. Ela teve longas conversas com minha mãe. "A Princesa é apenas uma criança", ela dizia. "Há muito trabalho e pouco lazer."

"Ela precisa ser treinada para um grande papel", explicava minha mãe. "Johannes Ludovicus Vives é um dos maiores estudiosos vivos. Devemos seguir suas regras ou ele se virará contra nós e voltará para a Espanha."

"Melhor isso do que a saúde da Princesa sofrer."

Minha mãe começou a se preocupar com minha saúde, mas sentia que Vives não deveria ser ofendido.

A Condessa estava irredutível. Havia momentos em que ela lembrava que era uma Plantageneta, e este era um deles. Ela declarou que não seria responsável pela minha saúde se as regras não fossem relaxadas um pouco.

"É verdade que a Princesa deve estudar", ela dizia, "mas ela já está além do padrão esperado para uma princesa de sua idade. Deveria haver lazer na vida de todos, especialmente para os jovens."

Ela alarmou completamente minha mãe que eu estudava menos. Às vezes, penso que eles estavam certos em me pressionar, pois, embora minha saúde tenha sido frágil em alguns momentos, sempre pude desfrutar da companhia de alguns dos homens mais sábios do reino, o que deve ter sido devido à minha excelente educação.

Quando a questão de eu estar sobrecarregada foi levada ao conhecimento de Vives, ele destacou que as filhas de Sir Thomas More eram exemplos de mulheres educadas e poderiam ser consideradas uma lição para todos. A filha de Sir Thomas, Margaret, foi a mulher mais educada da época e estava com boa saúde. Quando eu soube mais sobre a casa dos More, percebi que, em uma família feliz, cheia de diversão e risos, o aprendizado era algo para ser apreciado; e Sir Thomas nunca forçaria seus filhos a fazerem o que não desejassem. Não era que eu não quisesse aprender. Queria. Era apenas que eu estava frequentemente tão cansada e em perigo de adormecer em minha mesa.

O tempo todo, eu pensava no Imperador Charles. Eu construí uma imagem de um herói em minha mente. Minha mãe, a condessa e todas as mulheres da casa me diziam constantemente o quanto eu amava meu futuro marido. Ele estava sempre em meus pensamentos. Quando lia meus livros, quando traduzia meus trechos em latim, pensava nele e em como ele ficaria orgulhoso de mim.

ESSA SITUAÇÃO continuou por dois anos, até eu completar nove anos. Foi o ano de 1526 — um ano marcante para mim porque, suponho, durante ele, eu cresci. Deixei de ser uma criança inocente, pois muitas coisas foram reveladas para mim.

Eu tinha uma vaga consciência de que muitas coisas estavam acontecendo na Europa naquele tempo. Eu sabia que meu pai e meu amado Imperador eram amigos e aliados, e que estávamos em guerra com aquele homem perverso da Europa cujos planos malévolos os heróis estavam determinados a suprimir. Esse era François Premier.

Um dia, vi minha mãe em um estado de grande excitação. Eram boas notícias, ela me disse. A guerra logo terminaria. François, ao tentar tomar Pavia, havia sido capturado e agora era prisioneiro do Imperador em Madrid.

Era maravilhoso. Era o bem triunfando sobre o mal, o que eu acreditava ser sempre o caso no final.

"Seu pai e o Imperador agora invadirão a França juntos, e entre eles dividirão essa terra", disse ela.

Eu ouvia, com olhos brilhantes.

O Cardeal veio me visitar. Eu não estava certa se gostava dele. Ele sempre era um tanto untuoso, mas ao mesmo tempo dava a impressão de que seria imprudente contrariá-lo.

Ele beijou minha mão com reverência e perguntou sobre minha saúde. Então, ele me disse que trouxera algo para me mostrar. Ele abriu uma caixa e nela havia um magnífico anel de esmeralda.

"É muito bonito", eu disse.

"Vossa Graça, seu pai e eu acreditamos que é hora de você mostrar ao Imperador seus verdadeiros sentimentos por ele. Eu sei que você o considera com grande ternura."

"Sim, meu senhor Cardeal."

Ele sorriu para mim. "Isso é bom. Você sabia que a esmeralda é frequentemente um presente dado por amantes? Dizem que o verde brilhante desaparecerá se o amante que a recebe for infiel. Você não gostaria de enviar isso ao Imperador como um símbolo de seu amor por ele?"

"Ah, sim," eu disse. "Sim, eu gostaria de fazer isso."

Ele sorriu benignamente. "Eu escrevi uma carta dizendo a ele que seu amor pelo Seu grande Eminente despertou em você uma paixão confirmada pelo ciúme, que é o primeiro sinal e símbolo do amor."

"Talvez não se deva dizer isso, não havendo motivo para ciúmes."

"Ah, mas você ficaria com ciúmes se houvesse motivo."

"Oh... talvez," eu concordei.

"Então será enviado. Tenho certeza de que a esmeralda manterá seu verde brilhante por muitos anos."

Assim, a esmeralda foi enviada, e o Cardeal me visitou novamente para me contar que, quando o Imperador recebeu o anel, ele disse que o usaria em nome da Princesa. Essas foram suas próprias palavras.

O Cardeal parecia muito satisfeito, sorrindo interiormente, parecia-me, não para mim, mas para seus pensamentos secretos.

Eu me perguntava por que, depois de tantos anos, eu deveria ter recebido essa esmeralda para enviar ao meu noivo. Por que tão de repente? Mas então ele havia dito que a usaria por minha causa, e isso aqueceu meu coração.

Deveria descobrir mais tarde. Era tudo parte do rude despertar.

Tudo começou a dar errado naquele ano. Talvez fosse porque eu estava chegando a uma idade de entendimento. Eu não tinha visto o mal que existia ao meu redor. Talvez devesse ter notado os olhares trágicos de minha mãe, os olhares furtivos que os membros da minha casa trocavam entre si; talvez devesse ter notado os sussurros nos cantos. Eu estava tão imersa nos meus estudos que não tinha tempo para observar o que estava acontecendo.

Meu pai estava se preparando para se juntar ao Imperador na campanha contra a França. François era prisioneiro do Imperador, e meu pai queria ajudar Charles a completar a conquista.

Um exército estava sendo levantado e impostos estavam sendo cobrados por todo o país. Aqueles com altos rendimentos tinham que pagar até três xelins e quatro pence para cada libra que ganhavam. Ouvi alguns dos servos mais baixos falando sobre isso.

Estava causando muitos problemas. Devo ter percebido nessa fase a crescente tensão, pois estava constantemente ouvindo conversas que não eram para mim, não das pessoas próximas a mim, pois elas eram muito cuidadosas para me manter no escuro, mas às vezes os criados e criadas passavam abaixo da minha janela, e eu ficava ali tentando captar o que diziam.

Um dia eu ouvi três ou quatro deles conversando juntos. Havia empolgação em suas vozes. "Poderia se espalhar..." dizia uma criada. "Eu sei que começou nos condados do leste por causa dos trabalhadores têxteis..."

"Quem pode culpá-los? O que eles se importam com as guerras na França se não têm pão para dar a seus filhos?"

"Deixados sem trabalho, estavam... por conta de seus senhores não terem dinheiro para pagá-los."

"Por conta de pagar o imposto para a guerra do Rei."

"Tudo muito bem... mas eu te digo o quê. Se espalhou para Londres. Isso vai significar alguma coisa."

"O que você acha? Revolta?"

"Não seria a primeira vez."

Eu estava tremendo de indignação. Estavam falando de traição. Estavam criticando meu pai. Estavam falando de revoltas contra ele.

Houve momentos em que a Condessa estava prestes a me contar algo. Ela começaria a falar e depois pararia, franziria a testa, talvez encolhesse os ombros e então começaria a falar de outra coisa.

Minha mãe, também, estava preocupada. Sentia que ambas estavam escondendo algo de mim e, quando ouvi conversas como as dos criados, comecei a ficar alarmada.

Plínio e Sócrates perderam seu interesse. Era o dia de hoje... meu pai, o Imperador e o Rei da França... o Cardeal e os trabalhadores têxteis que começaram a tomar posse da minha mente. Eu tinha nove anos—uma nove precoce. Eu queria saber o que estava acontecendo.

Não era frequentemente que eu via minha mãe, e essas ocasiões eram muito preciosas. Eu não queria estragá-las tornando-a mais infeliz do que ela já estava. Não podia fazer as perguntas que ansiava, pois minha razão me dizia que as deixariam perturbadas; então eu buscava assuntos que achava que a agradariam.

Era diferente com a Condessa. Como eu tinha certeza de que ela muitas vezes esteve prestes a me contar algo, talvez um pequeno estímulo a levasse a me dizer o que eu sentia que deveria saber.

"Condessa", eu disse, quando estávamos sozinhas, "o que está acontecendo? É verdade que há tumultos no país?"

"Onde você aprendeu essas coisas?"

"Ouço fragmentos de conversas."

Ela franzia a testa. Então encolheu os ombros e disse: "Houve um certo problema em algumas partes do país."

"Os trabalhadores têxteis dos condados do leste", eu disse, "e agora em Londres."

Ela ficou surpresa.

Ela disse: "Eu esqueço como você cresceu. Você é velha demais para sua idade. Eu suponho que você deveria saber dessas coisas." Ela hesitou e então parecia ter tomado uma decisão. "Sim", ela continuou. "Houve problemas. É o novo imposto. Foi prejudicial para os fabricantes que não podiam pagar seus trabalhadores. Era para a guerra contra a França. O Rei e o Cardeal viram que seria imprudente ter problemas em casa. Então, o imposto foi retido e as pessoas pagavam apenas o que queriam."

"Isso foi suficiente?"

"Bem... sim... como acabou sendo, porque não haveria uma guerra na França afinal."

"Mas meu pai não estava lutando com o Imperador contra a França?"

"Minha querida Princesa, em um momento isso era verdade, mas as relações entre países... política... elas mudam tão rapidamente. Um inimigo de um dia é um amigo no próximo."

"Como pode ser?"

Ela ficou em silêncio por um tempo, depois disse: "Um governante tem que considerar o que é melhor para seu país."

"Mas o Imperador é um bom governante e também é o Rei, meu pai, mas o Rei da França... ele é mau."

"Querida Princesa, pode ser que um dia você seja uma governante." Eu prendi a respiração.

"Bem", ela continuou, "você é a única criança do Rei."

"Mas não um filho."

"Você é o próximo na linha. Eu sempre achei que você deveria aprender mais sobre assuntos de Estado. Latim e grego são muito bons... mas não vão te ajudar a governar um país." Ela parecia ter tomado uma decisão. "Eu acho que você deveria saber que no momento as relações entre seu pai e o Imperador estão... um pouco tensas."

"Você quer dizer que eles não são bons amigos?"

"Chefes de Estado não são realmente bons amigos no sentido que pensamos em nossos relacionamentos comuns. Se o que é bom para um país é bom para outro, então esses governantes são amigos. Se não... eles são inimigos."

"Mas o Rei da França não tem direito à sua coroa. A França nos pertence."

"O Rei da França poderia dizer que nunca tivemos direito a ela. É apenas uma questão de como se olha para essas coisas."

"Mas o certo deve ser certo e o errado, errado."

"Minha querida Princesa, você é muito inteligente, mas é jovem e, não importa o quão inteligentes os jovens sejam, eles carecem de experiência. Você se lembrará que, não muito tempo atrás, éramos amigos dos franceses. Você se lembra do encontro em Guisnes e Ardres?"

"O Campo do Pano de Ouro!"

"Ah, vejo que se lembra."

"Mas eles nos enganaram. O tempo todo eles estavam fingindo."

"Talvez todos estivessem fingindo. No entanto, isso pode uma conversa de traiçoeiros, então evitemos e não nos preocupemos com quem estava dissimulando. Isso é passado, e é o futuro que temos que pensar. O Rei da França é prisioneiro do Imperador Charles, e o Imperador está em uma posição forte. Ele não precisa mais da ajuda da Inglaterra como antes. Preciso te contar algo que pode te chocar. Claro, você encontrou o Imperador apenas uma vez."

"Foi o suficiente para me fazer perceber que o amava."

"Querida Princesa, você não sabe nada sobre o amor... não o tipo de amor entre um homem e sua esposa. Sua mãe te ama muito; seu pai também; eu e Margaret Bryan também. Muitas pessoas te amam. Queremos tudo o que é bom para você. É diferente com o Imperador."

"O que você quer dizer? Ele vai ser meu marido."

A Condessa balançou a cabeça. "Veja, minha querida Princesa, esses casamentos são arranjados de acordo com o que é melhor para o país. O Imperador e seu pai queriam

fazer uma aliança contra a França; ele estava solteiro, e o Rei tem uma filha—você. Mas você deve perceber que a disparidade em suas idades tornou seu casamento uma possibilidade remota."

"Quer dizer que o Imperador não quer mais se casar comigo?"

Ela ficou em silêncio, e eu me senti vazia de consternação.

Então ela continuou, "Não chegou a esse ponto. Oh, eu vou te contar, pois acho que você deve saber. Eu, que estou aqui em sua casa, conheço você melhor do que talvez qualquer um. Você é mais velha do que seus anos, e eu não acredito que você deva ser iludida por mais tempo."

"Por favor, me conte, Condessa."

"Pode ser algo chocante. Veja, você realmente não conhecia o Imperador. As pessoas te disseram que ele é um herói... o melhor partido em toda a Cristandade. O representaram como benevolente e poderoso. Poderoso ele é, sem dúvida, mas, antes de tudo, ele é um governante. Através de seu pai e sua mãe, ele herdou grandes territórios. Um governante tem, antes de tudo, que pensar no que é melhor para seu país."

"O que você está tentando me dizer, Condessa? Que eu não sou boa para o país dele?"

"Ele não precisa mais do seu pai. Ele tem o Rei da França em suas mãos. Nenhum governante quer empobrecer seu país em guerras inúteis. O Imperador, ao que parece, não é alguém que busca glória por conquistas vistosas; ele quer trazer prosperidade e poder para seus domínios. Ele não precisa mais da ajuda do seu pai."

"Então quer dizer que foi apenas porque ele queria isso que ficou noivo de mim?"

"É assim que os casamentos reais são feitos. Na verdade, a maioria de nossos casamentos acontece por causa das vantagens que podem trazer para nossas famílias, e com os filhos e filhas dos reis, é pelo bem do país."

"Quer dizer que ele realmente não me amava. Mas eu..."

"Não, Princesa, você não o amava. Você não o conhecia. Disseram a você que o amava. Você pensava que era amor, como nesses romances que Vives proibiu você de ler. Talvez ele estivesse certo, pois eles lhe deram ideias idealistas que nem sempre são verdadeiras na vida real."

"O que aconteceu? Por favor, me conte, Condessa."

"O Imperador está considerando se casar com Isabel de Portugal."

"Mas como ele pode fazer isso?"

"Com a maior facilidade. Ele pediu ao seu pai para enviar você para a Espanha imediatamente, com o seu dote de 400.000 ducados, e quer um compromisso do seu pai de contribuir com metade das despesas da guerra com a França. Esses são os termos dele. Ele sabe que são termos que seu pai não pode cumprir, pois não conseguiria arrecadar o dinheiro sem mergulhar o país em desordem."

"Então isso significa..."

"Significa que o Imperador está insinuando que o acordo com seu pai está chegando ao fim."

"Então não era a mim que ele amava..."

"Pequena Princesa, nunca foi. Não vivemos em um mundo de sonhos onde cavaleiros galantes em armaduras reluzentes morrem por suas damas. É um mundo duro, e as realidades são bem diferentes. Há amor. Você tem o meu. Eu faria qualquer coisa por sua felicidade; e você sabe o quanto é querida para sua mãe. Mas vivemos perto de você. Conhecemos você. Você é um ser humano vivo para nós. Você não é uma peça em um jogo a ser movida para cá e para lá. Você é nossa própria querida Princesa a quem amamos. Esse é o amor a buscar e valorizar; e talvez, com o tempo, quando um marido for encontrado para você, vocês crescerão juntos e se amarão no devido curso. Acontece de novo e de novo.

"Eu tinha dezoito anos quando me casei. É uma boa idade para casar, pois embora seja jovem, teve tempo para adquirir alguma experiência. Meu marido foi escolhido para mim." Seus olhos eram reminiscentes, enquanto continuava, "Ele era Sir Richard Pole e possuía terras em Buckinghamshire. O Rei, seu avô, aprovou o casamento e o fez Escudeiro do Corpo e Cavaleiro da Ordem da Jarreteira. Ele serviu ao Rei fielmente. Destacou-se na revolta de Perkin Warbeck e lutou bem pelo Rei na Escócia. Depois, foi para o País de Gales como Gentil-homem do Quarto de Dormir do Príncipe Arthur, que, como você sabe, era casado com sua mãe antes dela se casar com o Rei."

"Sim, eu sei," eu disse, "mas não foi um casamento real. Ele era muito jovem e doente."

Ela assentiu. "Meu marido e eu estivemos casados por quase catorze anos e depois ele faleceu."

"Você deve ter ficado muito triste."

"Sim... mas eu tinha meus filhos. Veja, há compensações. Eles tornaram tudo isso valioso. Tivemos cinco filhos: Henry, Arthur, Reginald, Geoffry e Ursula."

"Minha mãe deve te invejar. Ela está triste porque só tem um."

"Mas essa uma é a mais preciosa para ela porque ela é a única."

"Mas todas as suas são preciosas para você. Eu sei pela forma como fala delas... especialmente Reginald."

"Os pais não deveriam ter um favorito."

"Mas eles têm... e o seu é Reginald."

Ela sorriu para mim. "Então você vê, minha querida, você não deve se entristecer. Você deve procurar a felicidade. Você deve aceitar o seu destino, e se o casamento com o Imperador não acontecer, afinal, você dirá a si mesma, talvez tenha sido para o melhor."

"Não posso esquecê-lo tão facilmente assim."

"Querida criança, você não o conhecia. Você construiu uma imagem dele. Você é tão jovem. Não sabe nada desses assuntos."

"Porque ninguém me conta."

Ela ficou em silêncio por um tempo. Então ela disse: "Talvez eu tenha falado demais. Sua mãe está muito infeliz neste momento."

"Ela queria tanto que eu me casasse com o Imperador porque ele é meio espanhol e seu sobrinho."

"Sim. Você deve esperar até que ela fale com você sobre esses assuntos. Ela tem muito na cabeça. Quando estiver com você, deve tentar distraí-la de sua melancolia. Não deixe que ela veja que você está afetada porque esse casamento com o Imperador não vai acontecer."

Eu concordei gravemente. Ela pegou minha mão e a beijou.

"Você é uma boa criança", disse ela, e havia lágrimas em seus olhos. "Eu espero e rezo para que tudo corra bem para você. Foi meu grande privilégio servir em sua casa, e você sempre será como minha própria filha para mim."

Eu a beijei ternamente. Eu a amava muito e podia ver o quanto ela estava ansiosa, temendo ter dito demais. O que ela havia dito poderia ser interpretado como traição. Desde que seu irmão, Edward, Conde de Warwick, foi assassinado a mando de meu avô, Henry VII, sem outro motivo senão ser um Plantageneta com reivindicação ao trono, a Condessa havia vivido sob a sombra do machado, pois poderia cair sobre ela se ela proferisse uma palavra descuidada que pudesse ser interpretada como traição.

Ela havia assumido certos riscos ao falar comigo tão francamente, e eu sabia que era por amor a mim que ela havia feito isso. Ela havia percebido que certos eventos não poderiam ser mantidos longe de mim por muito mais tempo e queria me preparar para eles.

Eu estava desolada. Eu me dizia que ficaria despedaçada se realmente acontecesse de o Imperador me deixar de lado.

AGORA QUE A CONDESSA havia falado comigo mais francamente do que nunca, o gelo estava quebrado e ela estava menos contida do que antes. Ela deve ter sentido que, tendo ido tão longe, não havia sentido em esconder mais nada que logo seria impossível manter longe de mim por muito tempo.

Mas eu ainda estava no escuro em relação ao problema realmente grave que faria tanta diferença para minha mãe e para mim e que lançaria uma sombra escura sobre nossas vidas. Na época, eu pensava que a expressão trágica de minha mãe se devia apenas ao fato de ela estar chateada com o relacionamento tenso entre meu pai e o Imperador, mas logo descobri que não era assim.

Um evento ocorreu em junho daquele ano que achei irritante, embora pouco entendesse sua importância na época. Eu sempre soube da existência de Henry Fitzroy e de como ele era uma provação para minha mãe, pois era uma constante reprovação a ela. Ela não podia dar ao Rei um filho, mas outra mulher poderia, o que indicava que a culpa estava na Rainha.

Henry Fitzroy havia nascido em junho, seis anos antes, e para celebrar seu aniversário, houve uma cerimônia muito grandiosa, e naquele dia ele foi feito Cavaleiro da Ordem da

Jarreteira. Conferir tal honra a alguém tão jovem parecia ridículo por si só, mas o Rei estava ansioso para mostrar seus sentimentos pelo filho e, naquela época - embora eu tenha descoberto isso mais tarde - ele estava chamando a atenção para a triste situação em que ele e a nação haviam sido colocados por seu casamento com uma mulher que não podia ter um filho.

Eu não vi minha mãe nessa época. Nem mesmo meu pai esperaria que ela estivesse presente em uma cerimônia tão dolorosa para ela. Foi uma indicação de seu ressentimento que ele permitiu que isso acontecesse. Mais tarde, percebi como cada ato dele naquela época estava trabalhando para um único propósito.

Essa cerimônia também me dizia respeito. Eu era a herdeira do trono. O que o Rei queria dizer ao conferir tamanha honra a seu bastardo? Muitos devem ter pensado que ele pretendia colocar o menino acima de mim. Isso nunca seria tolerado. O povo da Inglaterra não aceitaria um bastardo no trono.

Com apenas nove anos e recém-consciente da perfídia dos governantes, eu não conseguia entender o significado desses eventos; mas ao mesmo tempo, eu percebia o desastre iminente. Era como o tremor das folhas de álamo quando se aproxima uma tempestade; estava nos silêncios das pessoas ao meu redor e na interrupção súbita das conversas quando me aproximava.

Pouco depois da cerimônia, o enviado francês, De Vaux, veio a Londres. Ele fora enviado, disse-me a Condessa, pela mãe de François, que agia como Regente da França durante a ausência do Rei em Madrid.

"Por que ele está aqui?", perguntei.

"É para negociar com seu pai."

"Isso significa que há paz com a França?"

"Irá haver."

"E o Imperador? Nossa aliança com ele acabou?"

"Bem, a guerra acabou agora."

"Então, nós não somos mais amigos dele?"

"Oh, tudo será resolvido de forma amigável... mas ninguém tem o desejo de continuar com a guerra."

"Mas por que o enviado francês vem aqui?"

"Ele irá negociar termos de paz com seu pai."

"Parece tão estranho. Nós os odiamos tanto, e agora há festas suntuosas para os franceses."

"Isso é diplomacia."

"Eu não entendo."

"Poucas pessoas entendem a diplomacia. É um véu de discrição e polidez cobrindo o verdadeiro significado."

"Por que as pessoas não dizem o que querem dizer?"

"Porque isso poderia ser muito perturbador."

Eu sabia que eu era um dos assuntos discutidos por meu pai, o Cardeal e o enviado francês. Primeiro, foi anunciado que eu iria para Ludlow.

Minha mãe veio me contar isso. Eu percebi que ela parecia mais velha. Havia cabelos grisalhos em seu cabelo, mais linhas em seu rosto, e sua pele havia perdido sua cor saudável.

"Você vai para Ludlow, minha querida criança", ela me disse. "Você vai gostar de lá."

"Eu me pergunto por que eu devo ir tão de repente", eu disse. Eu estava começando a perceber que geralmente havia razões.

"Seu pai acha que seria bom para você ir. Ludlow é um lugar importante. Seu tio Arthur estava lá pouco antes de morrer. Lembro-me bem. É um local muito bonito. O Príncipe Arthur era Príncipe de Gales quando esteve lá, e você será a Princesa de Gales. Seu pai vai lhe dar esse título."

Fiquei feliz, especialmente porque havia sentido um tremor de alarme por causa da honra concedida a Henry Fitzroy.

"Sua casa irá com você", explicou minha mãe. "Será como é aqui."

"E você, minha senhora?"

Seus lábios se apertaram como se ela estivesse tentando controlar alguma emoção.

"Eu estarei, é claro, na Corte. Mas nos encontraremos frequentemente e não haverá mudanças. Seu pai desejará que você vá muito em breve."

A Condessa me disse que era bom que estivéssemos indo. "Isso significa", explicou ela, "que seu pai está dizendo ao mundo que você é a Princesa de Gales."

"Isso significa o herdeiro do trono, não é?"

"Certamente significa."

"Talvez ele pensou que as pessoas se perguntavam sobre a honra concedida a Henry Fitzroy."

"Oh, isso não foi importante. Você não deve pensar que isso diminui você. Você é a filha dele. Todo mundo sabe disso. Eles conhecem o respeito que é devido a você. Agora teremos que nos preparar para sua partida, que acredito que será em breve."

MEUS PAIS E a Corte me acompanharam até Langley em Hertfordshire, e lá me despedi deles. Havia alguma tensão entre meus pais, e eu achei que havia algo forçado no riso do meu pai. Ele estava quase exuberantemente alegre. Ele me abraçou calorosamente e se referiu a mim como sua Princesa, a Princesa de Gales.

A Condessa me disse que era a primeira vez que o título era concedido a um membro do sexo feminino, então eu deveria ficar muito orgulhosa. Minha mãe sorriu calorosamente para mim, mas não conseguiu esconder sua tristeza de mim. Eu queria protegê-la, compartilhar sua infelicidade - se ao menos ela me contasse a causa disso. Ainda achava que tinha algo a ver com o Imperador e acreditava que poderíamos nos consolar mutuamente.

Houve uma certa tristeza quando nos despedimos, embora minha mãe dissesse que nos encontraríamos frequentemente e meu pai aproveitasse todas as oportunidades para mostrar seu afeto por mim. Finalmente, eles tinham ido embora, e eu, com meu séquito, segui para Ludlow.

A paisagem é excepcionalmente bela, e o castelo ficava no lado noroeste da encantadora cidade. Algumas pessoas saíram de suas casas para me aplaudir enquanto eu passava, e isso me agradou.

A Condessa me disse que no castelo eu teria uma casa maior do que antes. A Princesa Mary se tornara a Princesa de Gales, e havia uma distinção.

Eu estava satisfeita. Tinha sido tola, me dizia, por ter dúvidas sobre o pequeno bastardo Fitzroy. Como eu poderia ter pensado que o Rei o consideraria acima de mim só porque era um menino? O povo me amava. Eles tinham mostrado isso. "Deus abençoe a pequena Princesa", eles haviam gritado. Eles não poderiam chamar Henry Fitzroy de príncipe. Ele era, afinal, apenas filho de Bessie Blount, e eu era filha de uma princesa da Espanha.

O castelo era um belo exemplo de arquitetura normanda, construído logo após a Conquista Normanda por um certo Roger de Montgomery. De certa forma, havia lembranças tristes dentro de suas paredes, pois, após a morte de seu pai, o pequeno Eduardo V tinha vivido aqui por um tempo. Foi neste mesmo castelo que ele foi proclamado rei, e três meses depois estava na Torre com seu jovem irmão, o Duque de York, onde, diziam, foi assassinado por seu tio, Ricardo III. Eu não pude deixar de pensar naquele menino que tinha vivido aqui com um destino terrível pairando sobre ele. Era um lembrete do mal que podia acontecer aos príncipes por parte daqueles que cobiçavam o trono.

O primeiro marido da minha mãe tinha vivido aqui com ela por cinco meses antes de morrer neste mesmo castelo. Eu a imaginava vivendo aqui... uma jovem garota... em uma terra nova. Que tristeza para ela quando, tão jovem, se viu viúva.

Ela havia falado daqueles dias com tristeza. Era como se olhasse estremecendo sobre o ombro para o passado. Ela havia estado sozinha e pobre por tanto tempo antes de meu pai, como um cavaleiro galante, tê-la resgatado e feito sua noiva.

E agora aqui estava eu, me perguntando de vez em quando por que fui elevada e recebi um lar maior. Eu não sabia naquela época que era menos grandioso do que o que tinha sido concedido a Henry Fitzroy.

A vida era diferente aqui. Era meu primeiro gosto de realeza, pois eu era uma pequena rainha aqui. Eu era feita para me sentir importante. Eu tinha certas responsabilidades, e eram as de uma governante. Eu percebia que estava aprendendo a governar. As pessoas traziam petições para mim e eu presidia um Conselho. A Condessa estava invariavelmente

ao meu lado. Ela me ensinava como falar com o Conselho, como lidar com as pessoas que vinham pedir favores. Havia menos tempo gasto em minha escrivaninha. Estas eram lições diferentes.

Minha casa consistia em um impressionante número de funcionários. Eu tinha meu Lorde Mordomo, o Camareiro, Tesoureiro um Controlador e muitos outros, incluindo quatorze damas, todas de alta linhagem e sob o comando da Condessa que governava sobre todos nós e a quem eu sempre podia recorrer em momentos de incerteza.

Eu estava esquecendo minha decepção com o Imperador, embora eu não pudesse totalmente acreditar que ele não me casaria. Mesmo assim, eu estava desfrutando de meu novo status. Esta era uma Corte em miniatura e eu estava aprendendo a ser uma rainha. Eu percebi que gostaria muito disso.

Como a vida havia se tornado diferente daquelas longas dias de estudo sob a orientação de Johannes Ludovicus Vives. A única coisa que faltava era a companhia de minha mãe. Eu pensava nela frequentemente e costumava dizer a mim mesma: Eu me pergunto se ela sentou aqui? Será que ela e Arthur caminharam por este caminho? Foi muito, muito antes de eu nascer. É difícil quando se é jovem imaginar um mundo sem si mesmo.

O Natal chegou. Foi um Natal muito alegre. Eu estava no centro da festa. Tínhamos nosso Senhor da Desordem e muitas máscaras, e eu liderava as danças.

A Condessa disse que estava encantada por eu estar aproveitando a diversão. Eu tinha uma vaga impressão, no entanto, de que ela estava escondendo algo de mim, o que trouxe um pouco de inquietação à alegria; mas, naqueles primeiros meses em Ludlow, eu estava um pouco embriagada com meu novo poder. Eu aprendi que me importava apaixonadamente com minha posição. Eu não sabia antes o quanto eu queria ser uma rainha.

Era março quando ouvi a notícia.

A Condessa me contou.

"Você nunca fala do Imperador agora como costumava", ela disse.

"Eu ainda penso nele", eu disse a ela.

"Mas agora você entende, não é verdade, que o noivado era na verdade uma questão de estado... e tais coisas são colocadas sobre bases frágeis?"

"O que você quer me contar, Condessa?"

Ela suspirou. "Bem, você precisa saber, mas acredito que não será um choque tão grande como poderia ter sido se você não tivesse sido avisada. O Imperador se casou com Isabel de Portugal."

Eu a encarei sem acreditar. Embora tivesse sido sugerido que esse casamento poderia acontecer, eu nunca esperava que acontecesse. Ele tinha sido prometido a mim e eu a ele. Como ele poderia ter se casado com outra pessoa?

A Condessa olhava para mim impotente. "Você tinha apenas seis anos", lembrou-me, "e você o viu por um tempo tão curto. Tudo foi construído em sua mente. Você verá isso quando olhar mais claramente."

"Sim", eu disse, "tudo foi construído em minha mente."

Eu fingi não me importar. Mas eu me importava; e frequentemente, quando estava sozinha em minha cama, derramava lágrimas pela perfídia dos governantes, pela perda de minhas crenças, pelo fato de que minha inocência infantil se fora para sempre.

Reginald Pole

O CASAMENTO DO IMPERADOR LANÇOU UMA SOMBRA SOBRE A MINHA VIDA por algumas semanas. Eu acordava de manhã e me perguntava como ele poderia ter se comportado assim. Não podia ser que ele tivesse sido forçado. Ninguém pode forçar imperadores. Ele podia fazer o que quisesse, assim como meu pai. E ele me abandonou.

Tentei me consolar pensando que era apenas por causa da minha juventude. Se eu fosse tão velha quanto Isabel de Portugal, ele teria se casado comigo.

Eu desejava poder ver minha mãe. Imaginava o quão triste ela ficaria, pois ela tanto queria que eu me casasse com seu sobrinho e vivesse na Espanha.

Mas não era para ser, e a vida em Ludlow era muito agradável porque eu tinha experimentado o poder e descobri que gostava muito dele.

Logo percebi que a felicidade era uma emoção passageira.

A Condessa veio até mim um dia e, com alguma hesitação, fez uma revelação que achei bastante horrível.

Ela começou: "Você sabe, Princesa, que a questão do seu casamento será de considerável importância para seu pai. É necessário por causa da sua posição."

"Sim, eu sei disso", eu disse. "Mas qual é o sentido de fazer compromissos quando ninguém os leva a sério de verdade?"

"Eles são importantes quando são feitos."

"Para serem honrados apenas quando as pessoas não mudam de ideia", comentei com algum amargor.

Ela colocou os braços ao meu redor, como fazia às vezes quando estávamos sozinhas. "Minha querida, a diferença de idade entre você e o Imperador era tão grande. Veja, se você pudesse ter se casado imediatamente..."

"Fico feliz por não termos feito isso. Se ele não podia ser fiel... se ele não podia cumprir suas promessas... era melhor assim."

Ela me segurou contra ela, acalmando-me. Então ela disse: "Haverá outros arranjos."

"Eu não os levarei a sério."

"Bem, você é jovem e levaria um ano ou dois antes que quaisquer planos se concretizassem."

"Você está tentando me dizer alguma coisa, Condessa?" eu perguntei

"Sim. Mas você não deve levar a sério. Nunca se concretizaria. É apenas um gesto."

"Quem?" eu perguntei.

"O Rei da França."

Eu a encarei incrédula. O Rei da França! O inimigo do meu pai! O homem que me foi descrito como o mais perverso da Europa. O homem que tentara humilhar meu pai no Campo do Pano de Ouro. Era impossível acreditar.

"Mas estávamos em guerra com ele."

"Isso acabou. Agora há paz, e nossos dois países são amigos novamente. Agora estamos contra o Imperador."

"Ah não... não!" eu gritei.

"Você não deve ficar chateada. Nunca se concretizará. Eu não queria que isso a chocasse. É por isso que estou te avisando. Você não deve ficar excessivamente alarmada. Nunca acontecerá."

"Pensei que ele fosse prisioneiro do Imperador."

"Houve um tratado entre eles... o Tratado de Madrid. François está livre, mas há termos rigorosos. Ele está tendo que ceder muitas terras ao Imperador... Milão, Nápoles e Borgonha, eu acredito, entre outras coisas. Enquanto isso, ele foi autorizado a ter sua liberdade, mas enviou seus dois filhos como reféns para Madrid."

"E ele concordou com isso?"

"Seus filhos estão lá agora."

"Como ele pôde? Eles são apenas meninos."

"É necessário que ele retorne ao seu país. É tudo muito complicado."

"E meu pai me casaria com esse homem!"

"Dúvido que haja alguma intenção seria de fazer isso. É apenas um gesto para o Imperador. Você vê, nenhum governante gosta de ver outro poderoso demais, e vários estados estão formando uma liga contra o Imperador agora."

"É horrível", eu disse. "Eu odeio isso."

"É assim que os estados são governados."

"Eu nunca vou governar dessa maneira."

Ela sorriu para mim. "Você será uma governante sábia e benigna, eu sei. Mas, por enquanto, não deve se preocupar com essa aliança proposta. Estarei pronta para jurar que nada virá dela. Há outro assunto. Uma das cláusulas do Tratado de Madrid é que François deve se casar com a irmã de Charles, Eleanora. Ele não pode evitar suas obrigações porque tem que pensar em seus dois filhos reféns."

"Quantos anos tem o Rei da França, Condessa?" eu perguntei.

"Cerca de trinta e dois anos."

Ela não acrescentou que a maior parte desses anos tinha sido gasta em devassidão e que, somado ao fato de ter ficado preso em uma prisão em Madrid, onde quase morreu e provavelmente teria morrido se sua irmã, Marguerite, não tivesse ido cuidar dele, ele provavelmente pareceria mais velho do que seus anos justificavam.

O Rei da França! Ele assombrava meus sonhos. Eu nunca o tinha visto, mas muitas vezes imaginava seu rosto sombrio e satânico. Diziam que nenhuma mulher estava segura assim que ele lançava seus olhos luxuriosos sobre ela. Poderia realmente ser que meu pai considerasse me casar com tal homem?

Não apenas eu havia perdido meu herói, o Imperador, mas havia a possibilidade de eu ser entregue a esse monstro.

Assim que eu pensava que estava crescendo e ter poder seria uma experiência maravilhosa, a verdade me atingiu. Eu era uma mulher. Poderia ser arrancada de minha casa a qualquer momento. Poderia ser dada a qualquer marido que fosse importante no jogo político. Era o destino das princesas.

Eu vivia com receio da chegada de mensageiros da Corte, exigindo minha presença para que eu pudesse ser prometida ao temível e aterrorizante Rei da França.

OS DIAS COMEÇARAM a passar e ninguém veio à Corte. A Condessa disse que era uma proposição tão absurda que ninguém poderia levá-la a sério. Eu podia ficar tranquila que era apenas uma tentativa de mostrar os sentimentos amigáveis da Inglaterra a um inimigo recente.

Meu status em Ludlow me tornou mais interessada em política. Mas talvez fosse apenas porque eu estava crescendo. Eu gostaria de ouvir mais sobre o que estava acontecendo entre os estados da Europa do que o que ocorreu no antigo Império Romano. Eu tinha tido um gostinho de autoridade e tinha visto como era possível que um dia eu governasse a Inglaterra. Minha mãe agora estava além da idade de ter filhos e não havia mais ninguém além de mim; e o fato de eu ter sido feita Princesa de Gales e ter meu próprio pequeno tribunal em Ludlow certamente era significativo.

A deserção do Imperador me deixou mais consciente. Eu precisava afastar o sentimentalismo. Eu precisava parar de sonhar com cavalaria e romance. Isso não era para alguém como eu, e de maneira estranha, eu não queria que fosse diferente. Meu pequeno gosto de poder havia me mudado. Eu sentia um brilho de satisfação quando pensava na coroa.

E então tivemos um visitante em Ludlow. A Condessa o trouxe até mim e disse com grande orgulho: "Alteza, posso apresentar-lhe meu filho?"

E lá estava Reginald Pole. Estendi a mão; ele a pegou e a beijou. Ele era muito bonito e eu gostei dele assim que o vi. Tinha um bom rosto, e apesar do meu crescente cinismo, eu queria muito manter minha crença no triunfo do bem sobre o mal. Eu me simpatizei com ele.

Ele era respeitoso, mas de forma alguma subserviente. Eu podia ser uma Tudor, mas ele era da linhagem dos Plantagenetas, tão real quanto eu — alguns diriam mais.

Ele tinha altura média e era muito esguio, com uma tez clara, cabelos castanhos claros e olhos azul-acinzentados — um homem bonito, mas ele tinha mais do que boa aparência. Havia uma nobreza nele que vinha de dentro e coloria toda a sua personalidade.

"Reginald acabou de voltar de Pádua, onde esteve estudando", continuou a Condessa.

"Você pretende ficar aqui na Inglaterra?" eu perguntei.

"Ainda não tenho certeza, Princesa", ele respondeu. "Depende do que acontecer."

"O Rei o recebeu com grande prazer", disse-me a Condessa.

"Sim", concordou Reginald. "Ele foi muito gentil comigo. Eu disse a ele que provavelmente irei para o Mosteiro Cartuxo de Sheen para continuar meus estudos."

Nos próximos dias, estive na companhia de Reginald Pole bastante. Embora ele fosse muitos anos mais velho do que eu — cerca de dezesseis, eu acredito —, fomos atraídos um pelo outro. Fiquei feliz na época por Johannes Ludovicus Vives ter me feito estudar como fiz, porque eu podia ver agora que surpreendia Reginald com o meu aprendizado.

A Condessa estava encantada com nossa amizade, e acredito que ela a tramou para que estivéssemos frequentemente sozinhos juntos. Ele costumava conversar comigo como se eu fosse da idade dele, o que me lisonjeava consideravelmente. Na companhia de Reginald, esqueci minha decepção com a perfídia do Imperador e o temor iminente de um possível casamento com François Premier.

Reginald tinha uma grande admiração e amor pelo meu pai, o que me encantava; ele também era profundamente ligado à minha mãe.

Sua conversa era erudita, mas nunca condescendente, e eu sempre me sentia elevada após minhas sessões com ele. Ele era franco sobre o passado e a ascensão da minha família ao trono. Reginald era o tipo de homem que manteria a verdade a todo custo e morreria antes de negá-la. Ele me devolveu a crença na humanidade. Eu sempre serei grata a Reginald Pole porque ele entrou na minha vida quando eu estava confusa e precisava que minha fé fosse restaurada. Enquanto houvesse homens como ele, eu poderia acreditar na raça humana novamente e sempre acreditaria.

Ele falou sobre seu avô, George, Duque de Clarence, que morrera na Torre, supostamente instigado por seu irmão, o Rei Eduardo IV.

"Ah", ele disse, "é realmente perigoso viver perto da coroa. Você sempre terá que estar alerta, Princesa."

"Eu sei disso agora."

"Um dia você poderá ser rainha deste país. Você deve estar preparada."

"Eu estarei", eu disse a ele. "Estou determinada."

"Você é tão jovem", ele disse, sorrindo ternamente. "Sinto que avancei muito no último ano."

Ele entendeu imediatamente. Ele sabia que eu havia sido passada do Imperador para o Rei da França. Acho que quando uma proximidade se desenvolve entre duas pessoas, muitas vezes podem entender o que está na mente um do outro sem o uso de palavras.

"O casamento com François nunca acontecerá", ele me assegurou.

"Eu fervorosamente espero e rezo para que não aconteça."

"Você pode afastar seus medos. François terá que se casar com a irmã do Imperador. Ele não ousaria recusar. Seus filhos estão em perigo. O casamento contigo nunca foi destinado a ser levado a sério."

Ele me disse o quanto estava feliz em ver a amizade entre mim e sua mãe.

"Você é tão querida para ela quanto o próprio sangue dela", ele me disse. "Nós temos estado juntos por tanto tempo."

"Minha mãe é uma mulher maravilhosa. O Rei foi bom com ela. Ele restaurou suas propriedades quando subiu ao trono, e isso foi para compensar o assassinato pelo rei anterior do meu tio, o Conde de Warwick, que tinha uma reivindicação ao trono."

"Eu sei. Lamento que tenha sido meu avô quem se comportou assim."

"É a luxúria pelo poder. O brilho da coroa. Seu avô sentiu isso necessário. Ele era um homem que nunca matou por vingança ou motivos semelhantes — apenas quando temia a segurança da coroa."

"Isso o desculpa?" eu perguntei.

"Aos olhos de alguns que acreditam que seus motivos eram pelo bem do país, sim. Aqueles que pensam que é pelo amor ao engrandecimento pessoal e ao poder, não. E alguns acreditam que assassinar em qualquer circunstância é um pecado mortal. Veja, quando há mais de um pretendente ao trono, o resultado pode ser uma guerra civil. Seu avô, estou convencido, achou que isso deveria ser interrompido a todo custo, e se a morte de um homem pode salvar as vidas de muitos que seriam perdidas se houvesse guerra... suas ações poderiam ser justificadas."

"E o que você acredita?"

"Que cada caso deve ser julgado por seus méritos."

"Então você desculparia o assassinato dos Príncipes na Torre?"

"Ah, você está se metendo em águas profundas, Princesa. Isso permanece um mistério, e sempre é imprudente julgar sem estar de posse de todos os fatos."

"Alguém está sempre de posse de todos eles?"

"Quase nunca, imagino."

"Então é sempre imprudente julgar."

Ele sorriu aquele sorriso muito doce e gentil que eu estava começando a amar. Ele disse: "Vejo que você é uma princesa muito lógica. Deve-se ter certeza da premissa ao discutir com você." Eu gostava de fazê-lo falar sobre si mesmo. Ele tinha histórias para contar de

seus primeiros cinco anos no Castelo de Stourton com seus irmãos e irmã. Henry e Arthur eram mais velhos do que ele, e depois de seu nascimento, Geoffry e Ursula se juntaram ao berçário. Eu frequentemente ouvia a Condessa falar sobre eles, e eu podia muito bem imaginar aquela casa feliz presidida por minha querida amiga e governanta, pois certamente ela daria a seus próprios filhos o mesmo cuidado amoroso que havia me dado.

Ele me contou como amava a Charterhouse em Sheen, onde passou cinco anos. Como eu, ele se dedicou ao aprendizado e sempre teve o desejo de aumentar seu conhecimento. Em muitos aspectos, éramos muito parecidos. Suponho que fosse por isso que, em tão pouco tempo, nos tornamos tão bons amigos.

"Seu pai sempre se interessou por mim", ele me disse. "Ele não podia esquecer o que aconteceu com meu tio. Ele carregava a fardo de seu pai."

Eu brilhei de prazer com isso. Eu queria muito que meu pai fosse um homem bom, além de bonito, distinto e capaz de brilhar acima de todos os outros. Eu tinha inquietações quando ouvia falar sobre o nascimento de Henry Fitzroy após sua elevação, ambos causando grande tristeza para minha mãe.

"O Rei insistiu em pagar parte da minha educação", Reginald me contou. "Ele sempre me chama de primo. Então fui para Oxford, e meu tutor lá foi o Doutor Thomas Linacre, que, acredito, estava envolvido em sua educação também."

"Ah, sim, e a do meu tio Arthur também. Ele é um grande estudioso."

"Eu lhe devo muito. Minha mãe sempre quis que eu entrasse na Igreja. Acho que meu pai expressou o desejo de que eu o fizesse antes de morrer."

"E você pretende?"

"Sim... mas mais tarde. É uma decisão que não quero tomar ainda. Quero estudar mais. Quero viajar mais. Pode ser que eu queira me casar."

"Sim", eu disse. "Talvez você queira."

Ele sorriu para mim e senti um levantar súbito do coração. Eu pensei: E se escolhessem Reginald para ser meu marido, como eu me sentiria? Mas é claro que não escolheriam. Na minha posição, eu deveria ser reservada para um governante. Eu deveria ser prometida quando fosse conveniente fazer algum tratado. Isso não importava muito - o tratado certamente seria quebrado antes que o casamento acontecesse.

"Enquanto isso", ele dizia, "eu vi algo do mundo e verei mais se tiver tanta sorte quanto até agora. As pessoas foram boas comigo em minhas viagens no exterior. Oh, não era a mim que estavam honrando. Era o Rei, pois eu era seu representante. Houve momentos, eu confesso, em que poderia ter sido culpado de orgulho; mas sempre me lembrava da verdade."

Os dias passaram com uma velocidade surpreendente. Eu estava constantemente com medo de que um dia ele me dissesse que estava indo embora. Mas ele ficava e sua mãe sorria benignamente para nós.

"Acredito, Princesa", ela me disse, "que meu filho acha difícil se afastar de Ludlow."

Então, um dia, mensageiros chegaram. Eu estava aterrorizada que pudessem trazer notícias do meu casamento proposto com François. Eu tinha sido tranquilizada com uma sensação de segurança, pois todos me asseguraram que não havia perigo do casamento acontecer. Mas quando vi os mensageiros, aguardei suas revelações apreensiva.

Em devido tempo, a Condessa veio até mim.

"Devemos deixar Ludlow amanhã e ir para Greenwich", ela me disse.

Olhei para ela apreensivamente, mas seu sorriso me disse que meus medos eram infundados.

"Não haverá casamento com o Rei da França", ela disse. "Ele disse que sabe de sua erudição, sua beleza, sua virtude, e é claro que você é de nascimento real. Ele diz que tem tanta vontade de casar com você quanto com qualquer mulher, mas ele é jurado a Eleanora, a irmã do Imperador Charles, e ela é a que ele deve levar como esposa; e enquanto o Imperador tem seus filhos, ele não tem alternativa."

Eu juntei as mãos em alívio.

"Não era isso que eu sempre dizia?" exigiu a Condessa.

"Era", respondi.

Ela hesitou por um momento, então disse: "Há outra proposta."

Eu a olhei com crescente preocupação.

"Esse casamento não poderia acontecer por muito tempo. Como você não pode se casar com o pai, você será prometida ao filho dele."

"Aquele... que está em cativeiro?"

"Com seu irmão mais velho, sim. Será o pequeno Duque de Orleans para você - o segundo filho do Rei da França."

"Ele é apenas uma criança."

"Isso é bom. Haverá um longo adiamento antes das núpcias."

Meu prazer em saber que não me casaria mais com o Rei da França foi um pouco abalado porque eu teria que me casar com seu filho. Assim, de um noivo que tinha trinta e dois anos, eu receberia um que era três anos mais novo do que eu.

Eu me senti frustrada e humilhada. Era angustiante ser passada de um para outro dessa maneira. Ao mesmo tempo, eu deveria me alegrar por ter escapado de um homem cuja reputação por luxúria era notória; e o pequeno príncipe não parecia tão ruim em comparação, especialmente porque ele tinha um longo caminho a percorrer antes de crescer.

"Os enviados franceses virão em breve", disse a Condessa, "e você sabe o que isso significa."

"Sim. Vamos deixar Ludlow amanhã."

"Para Greenwich."

Então, aquele agradável interlúdio havia terminado. Durou cerca de dezoito meses, mas foram as últimas semanas que foram as mais agradáveis, e isso se devia à presença de Reginald Pole.

GREENWICH SEMPRE FORA de especial importância para mim. Suponho que o lugar onde se nasce sempre deve ser. Meu pai também nasceu lá. Ele amava, e era natural que escolhesse como o local onde receberia os enviados franceses que vieram para elaborar os termos do meu noivado com o Príncipe da França.

Meu avô, o Rei Henrique VII, havia ampliado o Palácio e adicionado uma frente de tijolos a ele onde dava para o rio. A torre no parque havia sido iniciada alguns anos antes, e ele a terminou. Meu avô era um homem que nunca suportava desordem. Ele era, eu percebia, constantemente ansioso para que alguém lhe tirasse o trono, e imagino que se sentia culpado por tê-lo arrancado dos Plantagenetas. Ele estava frequentemente tentando apaziguar Deus, e em Greenwich ele fez isso construindo um convento ao lado do Palácio e colocando-o à disposição dos Frades Cinzentos. Tudo o que meu pai fazia tinha que ser maior e melhor do que os outros haviam alcançado antes, e quando subiu ao trono, amando à Greenwich como sua cidade natal, ele à ampliou, e agora era mais magnífico do que nunca.

Então, não era surpreendente que ele, que sempre desejava impressionar estrangeiros com sua grandiosidade - e ninguém mais do que os franceses -, recebesse seus enviados em Greenwich.

Fui recebida com carinho por ele e minha mãe. Meu pai, eufórico e brincalhão, me levantou como se eu fosse uma criança e me olhou. Ele riu, como se estivesse encantado com o que via, e me deu um beijo forte na bochecha.

"Ah, você é afortunada, querida", ele disse. "Você vê como eu planejo para você? Você terá um casamento grandioso... como você merece, eu sei muito bem. Tais relatos tivemos de minha Lady Salisbury. E agora, para a diversão."

Minha mãe estava quieta. A mudança nela me deu um sentimento doentio de medo. Nem tudo estava bem. Eu notei o cinza em seus cabelos; ela havia ganho peso - não de maneira saudável - e sua pele estava amarelada.

Ela sorriu para mim com grande ternura, e eu ansiava por confortá-la. Senti que algo terrível estava errado, embora não houvesse sinal disso de meu pai.

Descobri que teria um papel importante nas festividades para os enviados franceses, liderados pelo Bispo de Tarbes, e precisava estar preparada.

Em meus aposentos, que compartilhava com a Condessa, deveria continuar meus estudos. Eu precisava aperfeiçoar meu francês porque, naturalmente, teria que conversar nesse idioma com os enviados. Eu precisava praticar minha dança porque seria necessário mostrar a eles quão proficiente eu era nessa arte. Eu tinha que lembrar que os franceses davam grande importância à graça social e eu não podia ficar aquém.

Eu estava em um estado estranho. Poderia estar nervosa; certamente estava um pouco ressentida por ser exibida para garantir que fosse digna de ser a esposa de um menino

mais jovem que eu; mas todas essas emoções foram ofuscadas pelo medo pela saúde de minha mãe.

Mencionei à Condessa que ela parecia doente.

"Ela tem muito na mente, duvido", disse a Condessa evasivamente.

Havia uma atmosfera estranha na Corte. Eu percebia sussurros, silêncios, olhares atentos.

Eu queria saber o que estava acontecendo, mas ninguém me contaria.

Finalmente, os enviados chegaram.

Por semanas, o salão de banquetes em Greenwich estava em processo de reforma. Muitos trabalhadores haviam trabalhado com grande rapidez para que o trabalho fosse concluído a tempo; haveria bolas e banquetes como nunca antes vistos. Meu pai era conhecido por suas exibições extravagantes, e esta superaria todas as anteriores. Apesar dos meus medos pela saúde de minha mãe e minha apreensão em relação a mim mesma, não pude deixar de sentir uma certa gratificação de que tudo isso era feito por mim.

O salão de banquetes surpreendeu a todos que o contemplaram. Muito havia sido feito no teatro adjacente ao grande salão. Os franceses se consideravam os grandes árbitros no campo das Artes, então meu pai desejava surpreendê-los com seu gosto e apreço pela beleza. Ele havia mandado colocar tapetes de seda decorados com flores de lis em ouro nos pisos; e no teto estavam representadas a lua e as estrelas. Talvez menos tato fosse mostrado no salão de banquetes, onde havia uma pintura de Hans Holbein na época da batalha de Thérouanne para celebrar a vitória de meu pai sobre os franceses, o que pensei que poderia diminuir sua alegria nas flores de lis.

Neste salão, eu deveria me apresentar. Máscaras especiais foram escritas para a ocasião, e eu tive que ensaiá-las com as outras damas que dançariam comigo.

Eu gostava de dançar, mas havia certos assuntos que deveriam ser empurrados para o fundo da minha mente antes de me entregar ao prazer. Além da melancolia de minha mãe, havia o significado real por trás de todas essas celebrações luxuosas. Afinal, eu queria me casar com esse menino? Certamente não queria, e era reconfortante que ele fosse tão jovem. Meu casamento estava no futuro e, como eu mesma me dizia, tais casamentos raramente acontecem.

Em devido tempo, os enviados chegaram. Fui encontrá-los. Eu estava muito ciente de meu pai, radiante de felicidade, mas eu já havia notado como rapidamente seus humores de afeto descontraído podiam mudar, e eu temia ver a carranca surgir em seu rosto e seus olhos estreitarem para pontos de azul gélido, e - mais expressivo de todos - a boca se tornar uma linha apertada. Era então que devíamos ter cuidado.

Mas tudo correu bem. Eu falei meu francês fluentemente e os enviados ficaram impressionados. Eles me pagaram elogios graciosos, e meu pai ficou ao meu lado, sorrindo benignamente. Tudo estava bem. Eu estava passando no teste.

Sentamo-nos para jantar. Meu pai e minha mãe estavam juntos na grande mesa que comandava uma visão completa do salão. Eu estava no centro de outra mesa com os enviados franceses e algumas damas, todas das famílias mais nobres da terra. A festa

parecia interminável, e o tempo todo eu tinha que falar graciosamente em francês, o que de alguma forma consegui para satisfação de todos. A comida era servida em pratos de ouro e prata. Havia carne, peixe e tortas de todas as descrições, e enquanto comíamos, os músicos tocavam música suave.

Quando o banquete terminou, o entretenimento começou. Crianças foram trazidas para cantar e recitar. Houve uma batalha simulada entre a retidão e o mal - naturalmente, a retidão vitoriosa.

Eu tinha escapado, como combinado, para desempenhar meu papel. A cortina que dividia o teatro do salão de banquetes foi aberta para revelar uma caverna de onde eu emergi com sete damas. Todas estávamos vestidas em tecido dourado e lantejoulas escarlate, com chapéus escarlate cobertos de pérolas e pedras preciosas. Ao saímos de nossa caverna, sete jovens cavalheiros saíram de outra, e dançamos o balé como tínhamos praticado. Estou feliz em dizer que tudo correu ainda melhor do que nos ensaios.

Houve uma tremenda salva de palmas, e a companhia deixou claro que havia ficado particularmente encantada com minha performance.

A reunião fora muito satisfatória, e meu pai estava feliz. Naquela noite, fui para a cama feliz, exultante com meu triunfo.

Houve outras festividades, e sempre eu estava lá, sentada perto dos enviados franceses. Todos foram muito cavalheiros comigo e me disseram que estavam surpresos com minha beleza e minha erudição.

No entanto, houve uma palavra de crítica. Turenne, o embaixador francês, observou que eu era sem dúvida bonita e bem dotada intelectualmente, mas era magra, esparrela e fina e não estaria pronta para o casamento por pelo menos três anos.

A Condessa, quando soube disso, disse com uma expressão de "Eu bem que avisei" que me mantiveram muito tempo à minha escrivaninha e eu não tinha tido ar fresco e exercício suficientes, porque Johannes Ludovicus Vives insistira e ela sempre fora contra. Eu deveria ter uma vida mais normal - um pouco mais de tempo para recreação em vez de tantas lições.

Talvez ela estivesse certa, mas pelo menos eu havia conseguido conversar e impressionar as pessoas com minha erudição.

Em um entretenimento, meu pai me conduziu na dança e realizamos a majestosa pavane juntos. Ele me tratou com grande afeto e mostrou a todos, enquanto dançávamos, o quanto gostava de mim. Havia algo em meu pai - e isso aconteceu mais tarde quando muito não estava bem entre nós - que fazia qualquer demonstração de afeto dele aquecer o coração; ele podia dissipar ressentimentos com um sorriso; foi essa qualidade que o fez ser o que era e, mais tarde, o levou a acreditar que podia agir de qualquer maneira que quisesse.

Eu dançava alegremente com ele, e essa foi uma das ocasiões mais felizes da visita francesa.

Algo aconteceu naquela noite. Foi quando a música tocava uma das danças, e cada cavalheiro pedia à dama de sua escolha para dançar com ele. A regra era o Rei escolher sua dama e os outros seguiriam. Eu esperava que ele dançasse com minha mãe, mas não

o fez. Ele atravessou a sala e ficou em frente a uma garota. Eu a tinha visto em algumas festas antes. Ela era do tipo de pessoa que se notaria. Não posso dizer o que tinha sobre ela. Ela não era bonita... pelo menos não de maneira convencional. Mas havia algo distintivo nela. Quando a comparava com as outras damas, parecia que havia uma uniformidade nelas e frequentemente uma poderia ser confundida com outra. Isso nunca poderia acontecer com essa garota. Ninguém mais se parecia remotamente com ela. Seus cabelos escuros caíam até a cintura. Seus olhos enormes brilhavam e eram luminosos; seu vestido não estava exatamente na moda da época, mas era mais estiloso. Tinha mangas longas penduradas e um adereço em uma faixa ao redor do pescoço. Fiquei ainda mais impressionada pela graça com que ela se movia.

Notei que as pessoas a observavam o tempo todo. Acreditava que estavam cochichando sobre ela. Pretendia perguntar a alguém quem ela era, mas ainda não o tinha feito nessa fase.

Ela parecia um pouco relutante em dançar, mas, é claro, não podia recusar o Rei.

A música tocava. O Rei pegou sua mão, e a dança começou. O embaixador francês me convidou para dançar, e seguimos atrás do Rei e sua parceira.

EU ESTAVA SOZINHA com minha mãe. Essas ocasiões eram raras e, portanto, muito preciosas para mim. Ela me disse o quanto estava orgulhosa de mim. Meu pai estava satisfeito; os franceses estavam satisfeitos; levariam de volta um relatório positivo sobre mim para o Rei.

Ela disse de repente: "O Imperador se tornou pai."

Eu a encarei. Senti meu rosto endurecer.

Ela continuou: "Ele tem um filho... um menininho. Vai se chamar Filipe, em homenagem ao pai do Imperador. Eu me pergunto se ele será tão bonito."

Fiquei em silêncio. Não conseguia falar.

Minha mãe pegou minha mão e apertou. Vi as lágrimas em suas bochechas.

"Querida mãe", comecei, abandonando a formalidade. Eu me levantei e a abracei. Parecia que isso era a coisa errada a fazer, pois as lágrimas vinham mais rápido.

Ela disse: "Ele se casou há tão pouco tempo e já tem um filho. Por que não...? Por quê? O que fiz para merecer isso? Por que Deus está me castigando?"

Eu disse: "Você tem a mim..."

Então ela começou a chorar abertamente. "Você significa mais para mim, minha filha, do que qualquer filho poderia significar, exceto... exceto... Veja, seu pai quer filhos. Oh, você terá que saber mais cedo ou mais tarde. Quanto mais tempo podemos esconder isso de você?"

"Me conte, mãe, me conte", implorei.

"Mas você ainda é uma criança..."

"Os enviados achavam que eu estava longe de ser estúpida."

Ela acariciou meu cabelo. "Você é minha filha inteligente. Quero que saiba que eu te amo. Tem sido minha grande tristeza termos que ficar separadas com tanta frequência."

"Eu sempre entendi", disse a ela, beijando sua mão. "Por favor, me conte. Talvez eu possa te confortar."

"Seu pai queria se livrar de mim."

"Mas... não... como...?"

"Ele procura meios. Diz que teme que nosso casamento não seja um verdadeiro casamento e é por isso que não consegui lhe dar filhos."

"Mas você é a Rainha..."

"Você sabe que fui casada antes."

"Sim, com o Príncipe Arthur. Todo mundo sabe."

"Na Bíblia diz que se um homem se casa com a viúva de seu irmão, a união será estéril."

"Mas por quê...?"

"Dizem que é impuro. Eu disse a ele várias vezes que nunca fui esposa de Arthur no verdadeiro sentido."

"E você não é estéril. Você tem a mim... e houve outros."

"Você, minha querida, é a única que sobreviveu e é uma menina."

"Entendo, ele acha que Deus está o punindo por desobedecer às Suas Leis."

"Eu nunca desobedeceria às Leis de Deus. Nunca fui esposa de Arthur. Seu pai é o único homem que conheci como marido."

"Você já disse isso a ele."

"Milhares de vezes."

"Querida mãe, não sofra. Todos vão entender."

"Seu pai está determinado. Diz que precisa ter um filho... um filho legítimo. E a única maneira de fazer isso é se livrar de mim."

Eu estava confusa. Parecia impossível para mim. Minha mãe era a Rainha. Meu pai era casado com ela, então como poderia se casar com outra pessoa para ter um filho?

Eu disse: "Eu sei que ele quer um filho. Todos os governantes querem. Desprezam o nosso sexo. É muito triste. Mas seu pai é casado com você e, se for vontade de Deus que ele não tenha um filho, não há nada que ele possa fazer a respeito."

"Reis são muito poderosos, filha."

"Mas... ele está casado..."

"Os casamentos podem, em algumas circunstâncias, ser anulados."

"Anulado!"

"Uma dispensa do Papa..."

"Mas mesmo o Papa não pode ir contra as Leis Sagradas da Igreja."

Ela disse: "Lutaremos pelo nosso lugar. Eu lutarei... e será principalmente por você."

"Por mim?"

"Oh, eu esqueço da sua juventude. Você me faz esquecer disso, filha, porque você é tão séria e eu estou tão angustiada."

"Querida mãe, eu entendo. Sei o quanto você sofreu por tanto tempo."

"Você sabia disso?"

"Eu vi em seu rosto... porque eu te amo tanto."

"Minha pobre criança. Vou lutar por sua posição, assim como pela minha, porque você vê, se essa coisa terrível acontecer, você não seria mais a Princesa de Gales."

"Mas eu sou a Princesa de Gales. Eu sou filha do Rei..."

"É difícil explicar. Se o Rei provar que nosso casamento não foi um verdadeiro casamento, embora tenhamos vivido todos esses anos como marido e mulher, aos olhos da Igreja, nosso casamento não seria um verdadeiro casamento e, portanto, nosso filho não seria o herdeiro legítimo do trono."

Diante da enormidade disso, senti-me profundamente chocada.

"Isso nunca poderia acontecer", eu disse.

Minha mãe respondeu: "Precisamos garantir que isso nunca aconteça."

Sentamos por um longo tempo, eu aos pés dela, segurando suas mãos. Estávamos em silêncio, ela provavelmente meditando sobre os anos passados, talvez lembrando da felicidade que ela tinha desfrutado com meu pai durante os primeiros anos de seu casamento, e eu chocada e perplexa pela súbita realização do que acontecia há tanto tempo. Era a razão para a tristeza de minha mãe, os silêncios da Condessa. Eles achavam que eu era muito jovem aos onze anos para entender algo que poderia ter um efeito devastador no meu futuro.

Eu tinha medo do futuro; eu tinha medo do meu poderoso pai. Mesmo tão jovem, eu sabia que meu destino, e o da minha mãe, estava nas mãos de um homem implacável.

Ainda assim, eu estava feliz por finalmente entender do que se tratava.

REGINALD TINHA VINDO à Corte conosco de Ludlow, e tive a oportunidade de conversar com ele.

Eu disse abruptamente: "Agora sei o que tem incomodado minha mãe por tanto tempo. Meu pai teme que o casamento deles não seja verdadeiro. Você sabe disso, suponho."

"Sim", ele respondeu.

"Eu aposto que todo mundo na Corte sabe disso."

"Muitos sabem", ele admitiu, "embora seja conhecido como o Assunto Secreto do Rei."

"O que vai acontecer?" eu perguntei.

"O que pode acontecer? Seu pai é casado com a Rainha. É o fim disso."

"Mas se o casamento não fosse verdadeiro...?"

"Foi um casamento verdadeiro."

"Meu pai pensa que, porque minha mãe já foi casada com o irmão dele, Arthur, foi contra as leis da Santa Igreja que ele e ela se casassem."

"Ele demorou muito para chegar a essa decisão."

"Foi trazido a ele porque Deus lhe negou filhos."

"Pode haver várias razões para isso."

"Mas ele acha que é porque ele se casou com a viúva de seu irmão."

Reginald balançou a cabeça. "Minha mãe reza por um filho", eu continuei. "Se ela pudesse ter um, tudo ficaria bem."

Reginald olhou para mim tristemente. "Minha querida Princesa", ele disse, "você é jovem demais para se preocupar com esses assuntos."

"Mas eles me dizem respeito", eu apontei.

"Você está pensando no seu direito ao trono. Se seu pai não tiver um filho, você será Rainha um dia. Isso significaria tanto para você?"

Eu hesitei. Estava lembrando dos meses em Ludlow, onde tinha minha própria pequena Corte. E poder. Sim, havia uma embriaguez nisso. Seria meu direito seguir meu pai, governar o país... a menos que houvesse um irmão para me substituir. "Eu entendo", ele disse, "que a ambição já lançou seu feitiço sobre você."

"Você não é ambicioso, Reginald?"

Ele ficou em silêncio por um tempo. "Acho que todos nós temos as sementes da ambição em nós", ele disse finalmente. "Alguns podem ter ambição de possuir uma coroa; outros por uma vida pacífica. É tudo ambição de alguma forma."

"Você poderia avançar alto na Igreja."

"Não tenho certeza se quero isso. Quero ver o mundo... aprender. Há tanto a ser descoberto. Quando você for mais velha, entenderá. E agora... não sofra. Isso passará, tenho certeza. Seu pai está inquieto. Os homens às vezes estão em certos períodos de suas vidas. Ele está decepcionado porque não tem um filho. Ele procura razões. Isso passará. Deve passar. O Papa nunca lhe concederá o que ele quer. E há o Imperador Charles a ser considerado."

"Por que o Imperador?"

Ele disse suavemente: "O Imperador é sobrinho da Rainha. Ele nunca concordaria que sua mãe fosse afastada. Seria um insulto à Espanha. O Imperador é o homem mais

poderoso da Europa... e seus sucessos recentes o tornaram mais importante do que nunca. Os filhos do Rei da França são seus reféns."

"Meu noivo é um deles."

"Oh, esses tratados, esses casamentos! Dificilmente dão em alguma coisa quando são entre crianças."

"Você me conforta, Reginald."

"Isso é o que sempre farei se estiver ao meu alcance." Ele se curvou e beijou minha testa.

Eu estava grata por Reginald.

A ÚNICA LUMINOSIDADE durante aquele período de ansiedade era devido à sua presença e ao fato de eu estar sob o mesmo teto que minha mãe. Ela e a Condessa estavam frequentemente juntas; sempre foram as melhores amigas. Estavam frequentemente em profunda conversa, e eu tinha certeza de que minha mãe era completamente franca com a Condessa, pois confiava nela absolutamente.

Eu tinha crescido consideravelmente desde que saí de Ludlow; e quando estava nesse lugar agradável, tinha emergido da minha infância para ter uma noção do que realmente significava governar.

Mas ser mergulhada nessa tragédia que cercava minha mãe trouxera uma nova seriedade para minha vida.

Desejava saber mais. É frustrante estar à beira de grandes eventos e ter apenas o tipo de visão que se teria olhando por uma fechadura.

Reginald estava frequentemente conosco, e nós quatro ficávamos sozinhos juntos - minha mãe, a Condessa, Reginald e eu. Tenho certeza de que tanto a Condessa quanto seu filho fizeram muito para sustentar minha mãe, mas havia pouco que alguém pudesse fazer para dissipar a ameaça iminente que pairava sobre ela.

Ela sofrera negligência e pobreza após a morte do Príncipe Arthur, quando seu pai não queria que ela voltasse para a Espanha e meu avô não a queria na Inglaterra. Por sete anos, ela viveu assim até que meu pai a tinha casado galantemente e romanticamente. Acho que ela temia que fosse forçada a uma posição semelhante à que sofrera antes, se o Rei, meu pai, a abandonasse.

Ela tinha grande determinação. Ela ia lutar... se não por ela, por mim, porque meu destino estava tão envolvido com o dela.

Ela ficou contente ao ver minha amizade com Reginald, e de repente me ocorreu que ela e a Condessa ficariam felizes em ver um casamento entre nós. Instintivamente, soube que era um assunto frequentemente discutido entre elas. Fiquei animada com essa perspectiva. Como seria maravilhoso casar com alguém que se conhece, em vez de ser enviada para algum príncipe até então desconhecido por causa de uma cláusula em um tratado.

Comecei a pensar em como poderia ser feliz com Reginald. Eu tinha onze anos. Ele tinha vinte e sete ou vinte e oito. Era uma grande diferença, mas éramos bons amigos e poderíamos ser mais, pois eu, criada sob as regras de Vives, era mais instruída do que a

maioria das pessoas da minha idade, e havia uma afinidade entre mim e Reginald desde o início. Não era tão incongruente quanto poderia parecer. Ele era um Plantageneta real, e se eu fosse ser rainha um dia, ele seria rei. As pessoas gostariam de ver as duas casas unidas. Isso sempre era um fator estabilizador. Seria como a aliança das casas de Tudor e York, quando meu avô Henrique VII se casou com Elizabeth de York, filha de Eduardo IV, encerrando assim as Guerras das Rosas.

Foi um pensamento maravilhoso e reconfortante durante aqueles meses.

Eu estava frequentemente presente quando a Condessa e minha mãe conversavam juntas. Acredito que elas tinham chegado à conclusão de que, agora que eu estava ciente do Assunto Secreto do Rei, não seria prejudicial para mim saber mais sobre isso, afinal, eu estava profundamente envolvida nisso.

Foi assim que aprendi sobre aqueles procedimentos ridículos quando meu pai foi convocado para York Place, onde o Cardeal vivia em esplendor suntuoso. Lá, o Rei permitiu ser acusado de imoralidade por viver com uma mulher que não era, aos olhos da Igreja, sua esposa.

A ideia de meu pai ser convocado por seus súditos era ridícula. Mas humildemente ele foi; humildemente ouviu as acusações deles, que, claro, ele tinha ordenado que fizessem. O Arcebispo Warham presidiu.

"John Fisher, Bispo de Rochester, estava presente", disse a Condessa. "Eu sempre o considerei um dos homens mais santos que conheço."

"Foi o Doutor Wolman, eu acredito, quem estava acusando o Rei", acrescentou minha mãe.

"E o Doutor Bell era o Advogado do Rei", disse a Condessa. Ela acrescentou com desprezo: "Posso imaginar. 'Henrique, Rei da Inglaterra, você é convocado a este tribunal arquiepiscopal para responder à acusação de viver em pecado com a esposa de seu irmão.'"

"É tão falso. É tão mentiroso!" exclamou minha mãe. "Eu nunca fui verdadeiramente esposa de Arthur."

Eles pareciam ter esquecido minha presença, e eu sentei lá quietamente, tentando me apagar para que não se lembrassem de mim e deixassem de falar tão francamente.

Eu podia imaginar tudo... aquela cena com meu pai parecendo chocado e ansioso. Era uma acusação grave que estavam fazendo contra ele. Se ele não desejasse que fosse feita, aqueles que a faziam teriam sem dúvida perdido a cabeça agora. O argumento pela validade do casamento era que, devido à saúde de Arthur, o casamento não tinha sido consumado. O Papa Júlio II tinha concedido uma dispensa, e o Rei acreditava inocentemente que tudo estava em ordem.

"E agora o Bispo de Tarbes disse essa coisa monstruosa..." disse minha mãe.

Ela olhou para mim e parou, e a Condessa mudou abruptamente de assunto. Mas eles tinham despertado minhas suspeitas. Eu precisava descobrir o que o Bispo de Tarbes havia sugerido.

Eles ficaram contidos depois disso, e a conversa deles estava constrangida. Eu sabia que era ignorante sobre muitas coisas relacionadas a esse assunto. Mas depois de um tempo, não puderam resistir à tentação de falar sobre isso, e então pareciam esquecer minha presença.

A Condessa disse: "O Arcebispo Warham é um homem velho. Homens velhos buscam conforto. Ele quer viver pacificamente em sua velhice. Ele concordará com tudo o que o Rei desejar."

"E sabemos o que é isso", disse minha mãe tragicamente.

"Warham declara que, se o casamento com Arthur foi consumado, você era verdadeiramente esposa dele e, portanto, o Rei se casou com a viúva de seu irmão."

"Não foi. Não foi. Eu digo que não foi. Eu era virgem quando me casei com o Rei."

"John Fisher é um homem honesto. Ele declarou que o Papa concedeu a dispensa para que o Rei pudesse suprimir seus medos. Ele não duvidava de que seu casamento fosse bom. Havia uma bula do Papa para legalizá-lo. Não havia necessidade de o Rei questionar a validade." A Condessa olhou para minha mãe com a maior simpatia e, buscando confortá-la, continuou: "O Rei falou tão bem de você. Ele disse que ao longo dos anos de seu casamento, encontrou em você tudo o que poderia esperar de uma esposa."

"Exceto por esta coisa", disse minha mãe, "e essa é de grande importância."

"Só a sugestão do Bispo de Tarbes..." Ela fez uma pausa. Depois continuou: "Sabemos de algo diferente. Não é uma ocorrência incomum. É apenas que este é o Rei..."

"E sua necessidade de filhos."

"Ele disse que, se tivesse que se casar novamente e se não fosse pecado escolher você, você seria a que ele escolheria entre todas as outras."

"Palavras", disse minha mãe amargamente. "Palavras escondendo a verdade."

Ficaram em silêncio novamente. Então a Condessa disse vivamente: "Bem, eles não resolveram nada."

"Acredito que o Rei está muito decepcionado com eles. Ele desejava muito que o assunto fosse resolvido."

A Condessa pegou a mão de minha mãe e a segurou firmemente.

"Não pode ser", ela disse. "Os bons homens da Igreja nunca permitiriam... nem o povo."

"Acho que você subestima a determinação do Rei", disse minha mãe tristemente.

Fiquei lá quietamente observando-as. Eu sabia que isso de maneira alguma era o fim do assunto.

IÑIGO DE MENDOZA, o embaixador espanhol, veio visitar minha mãe e ficou com ela por um longo tempo.

A Condessa estava silenciosa e retraída. Não adiantava tentar fazê-la falar. Eu queria que elas não me deixassem tão no escuro. Elas pensavam que eu era jovem demais para

entender. Eu me ressentia contra minha juventude. Meu futuro estava envolvido. Eu deveria saber. Este assunto me dizia respeito. E eu estava determinada a descobrir tudo o que pudesse.

Com o tempo, aprendi o que diziam ter provocado a confusão. Isso aconteceu durante as celebrações do noivado. O Bispo de Tarbes havia dito que, como o Rei questionava a validade de seu casamento com a Rainha, isso não lançava algumas dúvidas sobre minha legitimidade? O Rei da França estava muito disposto a concordar com um casamento proposto entre seu filho e eu se eu fosse Princesa de Gales. Mas como ele se sentiria se eu fosse uma filha ilegítima do Rei?

Henry Fitzroy seria herdeiro do trono se fosse legítimo - como um bastardo, nunca poderia ser isso. E agora algumas pessoas, incluindo meu próprio pai, estavam tentando provar que eu estava em uma situação semelhante.

Meu pai vivia com medo de ofender a Deus ao viver com uma mulher que não era, aos olhos Dele, sua esposa. Meu pai era enfático. Ele poderia ter aceitado o julgamento do Bispo de Rochester, mas não o fez.

Ele tinha seus motivos.

Foi a primeira vez que ouvi o nome de Anne Boleyn.

ENQUANTO ISSO ESTAVA acontecendo, um evento terrível ocorreu que chocaria o mundo por muitos anos. Foi o saque da Cidade de Roma. Todo mundo estava falando sobre isso. Contos de horror estavam em todos os lábios. Era incrível que atos tão terríveis pudessem ser perpetrados pelo homem.

Reginald falou comigo sobre isso. Como um homem profundamente religioso, ele foi muito afetado.

"Nunca houve uma tragédia assim na história do mundo", disse ele. "Foram os homens do Condestável de Bourbon."

"Os franceses..."

"Não. Não. Bourbon estava do lado do Imperador. Bourbon e François haviam guerreado juntos por anos, e Bourbon estava lutando ao lado do Imperador."

"Então os aliados do Imperador fizeram essa coisa terrível."

"O Imperador nunca teria concordado com isso. Nem Bourbon mesmo se estivesse vivo. Ele foi morto no início do tumulto. Se ele não tivesse sido, teria controlado os fortes soldados, disso eu não duvido. Nenhum homem educado jamais teria permitido que isso acontecesse. É uma mancha no Cristianismo. Eu acredito que Bourbon não tinha vontade de atacar Roma, mas seus homens estavam sem pagamento, eles haviam marchado por milhas e estavam famintos. Só havia uma maneira de recuperar algo da campanha: saquear. E onde eles poderiam encontrar mais abundância do que na Cidade de Roma? Eles invadiram a cidade. Não houve defesa. Eles devastaram as igrejas, roubaram ornamentos ricos. Todos estavam determinados a compensar seus meses de dificuldade, falta de despojos, falta de comida."

Era difícil para uma garota de onze anos entender todos os horrores que ocorreram durante esses cinco dias terríveis em que os soldados saquearam Roma. Ouvi mais tarde sobre os acontecimentos terríveis. As freiras, esperando que suas vestes as protegessem, foram agarradas nos altares onde se ajoelhavam em oração e foram despidas de suas vestes e violentadas da maneira mais horrível. Soldados bêbados perambulavam pelas ruas. Havia procissões simuladas nas igrejas. O fato de que atos vis foram realizados em lugares sagrados deu um impulso ao comportamento repugnante desses homens perversos. Eles trouxeram prostitutas para as igrejas. Eles zombaram de Deus, do Papa e de tudo pelo que Roma representava.

O Papa Clemente VII havia escapado para o Castelo Sant'Angelo com treze cardeais. Lá ele estava a salvo da multidão.

Mas ele estava à mercê do Imperador, e meu pai estava buscando a ajuda papal para anular seu casamento. O Imperador nunca permitiria que o Papa ajudasse meu pai a se divorciar de sua esposa.

Portanto, o Saque de Roma teve um significado especial para o Rei.

QUANDO OUVI O nome de Anne Boleyn, decidi descobrir tudo o que podia sobre ela.

Não havia dúvida de que ela era a mulher mais atraente na Corte. Antes de eu saber que papel ela ia desempenhar em nossas vidas, eu a tinha notado. Ela era deslumbrante. Tinha todas as artes da sedução ao seu alcance. Criada na França, havia uma estrangeirice nela que, suponho, alguns homens achavam atraente. Seu magnífico cabelo escuro e seus grandes olhos luminosos eram sua grande beleza, mas tudo nela era cativante. Era claro que ela prestava muita atenção em seu vestuário. Ouvi dizer que ela mesma desenhava suas roupas. O destaque de seus elegantes vestidos eram as mangas caídas que escondiam a deformidade em um de seus dedos. Seus inimigos costumavam dizer que ela tinha uma marca no pescoço que poucos haviam visto porque estava sempre coberta por uma faixa adornada. Isso a marcava como uma bruxa, diziam. Eu não tinha certeza sobre isso, mas houve momentos, quando meu ódio por ela estava no auge, em que eu me fazia acreditar nisso.

Ela tinha vindo da Corte da França para lá quando criança, no séquito de minha tia Mary Tudor, que foi se casar com o envelhecido Luís XII. Ela não havia retornado até logo após a ocasião do Campo do Pano de Ouro, devido às relações rapidamente deterioradas entre França e Inglaterra. Ela então se casaria com Piers Butler porque havia alguma disputa na família Boleyn sobre um título, e o casamento de Anne com o filho dos Butlers foi arranjado para resolver a questão.

Meu pai deve ter tomado conhecimento dela naquela época, pois o casamento proposto foi misteriosamente impedido. Eu não podia acreditar que naquela época ele pensasse em se casar com ela. A sugestão teria sido muito absurda. Fiquei chocada ao ouvir que Mary Boleyn, irmã de Anne, havia sido amante de meu pai por algum tempo.

Esses rumores de suas escapadas me abalaram muito quando os ouvi pela primeira vez. Agora sei que é assim que os homens são. Bem, Mary Boleyn era sua amante e suponho que, na época do retorno de Anne à Inglaterra, o Rei ficou ciente dela e decidiu substituir uma irmã pela outra.

Ouvi também sobre o amor apaixonado entre Anne e o jovem Henry Percy, o filho mais velho do Conde de Northumberland, e como eles planejavam se casar. Isso teria sido um bom casamento para a Senhora Anne Boleyn, pois, embora seu pai tenha recebido muitas honras, em grande parte por causa do favor que o Rei mostrou a Mary Boleyn, e a mãe de Anne era uma Howard da grande família Norfolk, o pai dela tinha raízes no comércio. Havia alguma história de um ancestral sendo um comerciante. Verdade, ele adquiriu um título e se tornou prefeito, mas ainda assim era um comerciante.

Anne sem dúvida pensava que tudo estava se encaminhando bem. Ela estava tão apaixonada por Percy, diziam as pessoas. Quanto a Percy, ele também estava completamente apaixonado. As pessoas costumavam maravilhar-se com sua devoção a ela, porque ele não era um jovem heroico, mas sim fraco. Que ele a adorasse não era surpreendente, mas amor genuíno dela por ele era incrível, pois diziam que esse amor não se devia ao grande título que ele herdaria um dia.

Eu aprendi a odiá-la tanto que não conseguia ver nada de bom nela; mas mais tarde, quando seu destino terrível a alcançou, minha amargura diminuiu um pouco e muitas vezes pensei que, se ela tivesse sido autorizada a se casar com Percy, poderia ter sido uma esposa e mãe feliz e muita angústia teria sido poupada a muitos.

Meu pai, nesse meio tempo, estava começando a se apaixonar profundamente por ela e ordenou a Wolsey que impedisse o casamento de Percy. O jovem Henry Percy foi humilhado pelo Cardeal, e o Conde de Northumberland foi chamado. Ele veio a Londres e repreendeu seu filho por sua loucura. Henry Percy foi banido para Northumberland, e Anne Boleyn para Hever.

Eu podia imaginar sua tristeza e raiva. Ela estava apaixonada em suas emoções, embora na época não soubesse que a dissolução de seu casamento estava relacionada ao efeito que ela estava causando no Rei e que ele estava fazendo planos para ela. Ela pensava que era porque não era considerada de linhagem nobre o suficiente para se casar com a poderosa Casa de Northumberland, o que tinha ferido profundamente sua dignidade.

O restante da história é bem conhecido: seu retorno à Corte a pedido do Rei, um lugar na casa de minha mãe como uma de suas damas de companhia, onde ela poderia enfeitar a Corte com seus talentos especiais de dançar, cantar e escrever masques com os jovens poetas da Corte, a maioria dos quais eram seus escravos.

Ela era uma daquelas mulheres que eu acredito serem chamadas de “mulheres fatais”. Meu pai não foi o único que a desejava.

Eu não sabia - não tenho certeza mesmo agora depois de tantos anos passados - se ela deliberadamente começou a usar a coroa. No início, ela não poderia ter acreditado que isso fosse possível - ela, de uma família associada ao comércio - e, em qualquer caso, o Rei já tinha uma esposa. Parecia bastante absurdo. Não, acho que nessa fase ela poderia ter sido sincera.

Quando ele deixou claro que desejava ser o amante dela, ela disse a ele que não seria a amante de nenhum homem e que, devido à sua indignidade e ao fato de ele ser casado, ela não poderia ser sua esposa, e assim suas aspirações deveriam chegar ao fim.

Era ousado. Mas então, ela vivia pela audácia. Isso a servira bem no começo, mas seria sua ruína no final.

Meu pai não suportava ser contrariado; de qualquer forma, ele estava obcecado pela mulher. Ele a queria tão desesperadamente que contemplava medidas drásticas para tê-la.

Não conseguíamos acreditar no início, nem mesmo Wolsey, que conhecia o Rei tão bem quanto qualquer um de nós. Wolsey era nosso inimigo, meu e da minha mãe. Era um homem astuto que acreditava na necessidade de produzir um herdeiro homem, mas para ele havia uma necessidade maior do que isso, que era apaziguar o Rei. Mas ele era um político astuto que veria imediatamente a loucura de divorciar minha mãe para colocar Anne Boleyn no trono. Ele tinha os olhos voltados para uma aliança com a França. Divorciar minha mãe, sim, mas apenas para se casar com uma princesa, possivelmente da França.

Eu não sabia o quanto o proposto divórcio era devido à falta de um filho e quanto era o desejo do Rei por Anne Boleyn. Meu pai era habilidoso em dissimular. Ele tinha o dom de ser capaz de se enganar diante da lógica, e o fazia de maneira tão eficaz que era inclinado a acreditar nele... assim como ele acreditava em si mesmo.

Ele foi até minha mãe um dia e eu estava presente. Olhando para trás agora, acho que isso marcou um ponto de virada em nosso relacionamento.

Minha mãe e eu estavam bordando juntas, algo que fazíamos com frequência.

A Condessa dizia que isso tinha um efeito calmante e acalmava os nervos. Parecia realmente fazer isso, pois minha mãe ficaria bastante interessada nos pontos e, às vezes, conversaríamos sobre assuntos mais felizes do que aquele que estava em primeiro plano em nossas mentes.

Quando meu pai chegou, eu me levantei e fiz uma reverência. Ele se aproximou de nós, sorrindo benignamente.

"Bem, Kate", ele disse à minha mãe, "eu gostaria de falar com você."

Ele se virou para mim e colocou uma mão em meus ombros.

"Então... você está fazendo companhia à sua mãe? Bom. Muito bom. E seguindo com seus estudos para não nos envergonhar, hein?"

Havia um olhar distante em seus olhos, e sua boca mostrava sinais de aperto. Eram aspectos que sempre me alarmavam, assim como aos outros, porque eu estava começando a reconhecer o que eles significavam.

Sua mão foi para a minha cabeça e ele a acariciou.

"Crescendo agora. Bem, bem, eu gostaria de falar com sua mãe. Vá agora. Vá para sua governanta. Nos deixe..."

Eu me curvei e fui, mas do outro lado da porta eu parei. Havia uma pequena ante-sala que levava à câmara em que eles estavam agora. Eu entrei nessa sala. Eu estava prestes a cometer o pecado de escutar atrás das portas. Não consegui me conter. Tantas vezes eu

senti que estava tateando no escuro, e como eu poderia confortar minha mãe, como poderia me proteger, se eu não soubesse completamente contra o quê?

Desavergonhadamente, me escondi e ouvi. A porta estava ligeiramente entreaberta, e eu podia ouvir cada palavra.

"É hora de discutirmos este assunto que me causa tanta dor", ele disse.

"Eu desejo fazer isso de todo o coração", ela respondeu. "Ah", ele continuou. "Como bem me lembro do tempo em que passamos pela cerimônia de casamento. Você estava tão desolada."

"Sim, negligenciada por todos..."

"Sofri com você... viúva do meu irmão... indesejada na Espanha e sem lugar para você aqui. Eu nunca esquecerei."

"Eu também tenho boas razões para lembrar."

"Dias infelizes... até que eu mudei tudo isso."

"Sim, você mudou."

"Tudo parecia justo. Éramos jovens. Estávamos apaixonados. Eu era um rapaz romântico. Queria fazer o que era certo. Queria ajudar você."

"Você ficou satisfeito com minha pessoa, eu acredito."

"Kate... sempre fui satisfeito com sua pessoa. É esta pergunta que estão levantando. Isso me dá noites sem dormir. Não posso descansar. Está em minha mente... em minha consciência. Sinto uma grande raiva contra esses eclesiásticos investigadores que levantaram essa questão. Eles acreditam que o nosso casamento não é verdadeiro. Pense no que isso significa, Kate."

"Não preciso fazer isso. É falso."

"Eles citam as escrituras. Isso não pode ser ignorado. Eu juro que minha vontade é dizer a eles para calarem a boca... nos deixarem... mas eu não posso fazer isso, Kate. Minha consciência... ela me atormenta... noite e dia ela me pede para parar e considerar. Estou cometendo um pecado aos olhos de Deus."

"Sua consciência deve estar o atormentando há algum tempo", disse minha mãe friamente, "considerando Bessie Blount e Mary Boleyn."

"Oh, venha, venha, tal conversa não faz bem. Foi aquele sujeito Tarbes... aquela sugestão monstruosa sobre nossa filha."

"É imperdoável."

"Imperdoável... mas é verdade, Kate? Pense no que aconteceu conosco. Fomos negados daquilo que mais desejamos... um filho, Kate. Deus deixou claro que Ele está descontente. Toda vez... toda vez..."

"Temos nossa querida filha."

"Sim... sim... e nenhuma mais querida... uma criança querida, mas uma menina, Kate. Uma menina... quando o país precisa de um homem para me suceder."

"Houve rainhas dignas."

"Uma rainha não pode liderar um exército."

"Fui sua regente enquanto você estava na França."

"Minha mãe fez isso, e muito bem. Ah, Kate, se apenas esse homem não tivesse levantado essa questão! Agora é tarde demais para termos filhos. Minha preocupação com sua saúde..."

"E seu desejo por uma nova esposa."

"Você brinca. Você sabe que não é meu desejo... embora eu pudesse ser forçado a isso... pelo povo, Kate, pelo bem do país... pela esperança de um filho."

"E para satisfazer seu próprio desejo."

"Por um filho, Kate, apenas por um filho. Pelo Sangue Sagrado de Deus, eu desejaria que Ele nos tivesse concedido um filho... apenas um filho saudável... e eu enfrentaria este Tarbes e qualquer um que ousasse levantar tal questão. Eu não permitiria."

"No entanto, você permitirá", disse minha mãe suavemente.

"Se ao menos eu pudesse acalmar minha consciência... se ao menos eu pudesse desviar o olhar da verdade... eu seria o homem mais feliz da Terra."

Eu estava quase prestes a entrar na sala e gritar com ele, "Pare. Pare de falar de sua consciência. Sabemos demais. Não é sua consciência que você precisa apaziguar, mas seu desejo por uma nova esposa."

Eu fiquei incerta por um momento, mas sabia que não deveria revelar minha presença. Eu me perguntava o que aconteceria se ele soubesse que eu ouvi a conversa deles, que eu sabia que ele estava vivendo uma mentira, que ele queria esse divórcio. Ele queria se livrar da minha mãe, mesmo que eu fosse proclamada ilegítima.

Ele era falso conosco e consigo mesmo.

Eu não suportava mais ouvi-lo mencionar sua consciência mais uma vez. Eu saí silenciosamente da ante-sala e fui para meu quarto.

AGORA QUE EU VI meu pai de novo, me coloquei firmemente ao lado da minha mãe. Meu pai havia dito que eles não deveriam mais viver juntos, pois ele temia que fosse pecado aos olhos do Céu. Seu discurso sobre a consciência me parecia tão flagrantemente insincero; e eu ouvira os sussurros sobre Anne Boleyn. Como ela estava na Corte, uma das mulheres da minha mãe, eu a via de vez em quando. Ela me fascinava. Ela cintilava e deslumbrava todos ao seu redor. Ela estava cercada pelos mais espirituosos dos jovens, todos os poetas e músicos; ela planejava as máscaras; o riso ecoava ao seu redor; e o Rei queria estar perto dela o tempo todo.

Eu estava profundamente ciente de seu brilho ofuscante, de sua inteligência rápida, de seu rosto afiado e inteligente. Isso me assustava. Minha ternura por minha mãe era quase

dolorosa. Eu me sentaria e observaria seu rosto triste, triste, e me sentiria doente de coração. Eu ansiava mais do que tudo para confortá-la.

Uma vez ela me pegou olhando para ela e, segurando minha mão, sorriu para mim.

"Você não deve se entristecer, querida criança", ela disse. "Isso pode não acontecer, você sabe. Ele não pode me afastar dele. Eu sou sua verdadeira esposa. Além disso, eu sou filha de um grande Rei e Rainha. Ambos estão mortos agora, é verdade, mas ainda sou uma Princesa da Espanha, além de ser Rainha da Inglaterra."

"O Imperador não permitiria que isso acontecesse", eu disse confiante.

"Acho que você está certa."

"Ele sabe disso? É chamado de Assunto Secreto do Rei, então deve ser segredo para alguns."

"Não é fácil manter segredos assim. A Corte sabe o que está acontecendo. Nas ruas estão falando sobre isso. O Imperador nunca permitiria que o Rei me prejudicasse, e o Imperador é mais poderoso do que nunca desde que derrotou os franceses. Seu pai tentou obter a aprovação do Papa para um divórcio, mas, como você sabe, o Papa é agora virtualmente um prisioneiro no Castelo Sant'Angelo. Pode-se dizer que ele é prisioneiro do Imperador. Seu pai está muito irritado com isso."

"Sua consciência o preocupa, ele diz."

Minha mãe sorriu de maneira pálida, depois disse: "Isso é muito para você suportar, querida criança. Você é jovem demais para compreender totalmente a importância disso."

"Eu entendo", eu disse.

"Talvez você devesse, pois isso pode ser vital para o seu futuro."

"Eu sei disso, minha senhora."

"Então ouça. Vou contar a você um segredo. Enviei um de meus servos para a Espanha. Ele levou uma carta minha para o Imperador, na qual contei a ele exatamente o que está acontecendo."

Eu juntei as mãos aliviada.

"Tudo ficará bem agora", eu disse com convicção. Eu ainda me lembrava do herói da minha juventude.

MINHA MÃE ESTAVA JUBILANTE, pois recebera uma resposta do Imperador, trazida a ela pelo embaixador Mendoza.

Ela me chamou, pois sabia qual era meu sentimento pelo Imperador.

"Aqui está a resposta dele", ela disse.

"Ele está profundamente chocado. Diz que, por eu ter sido casada com ele por tanto tempo, o Rei esqueceu que sou uma Princesa da Espanha, e o Imperador não permitirá que um membro de sua família seja tratado assim. Ele está enviando o Cardeal Quiñones, General dos Franciscanos, para Roma sem demora. Ele estará encarregado do assunto lá.

Ele escreve: 'Minha querida tia...' Sim, ele me chama de sua querida tia. 'Você pode ter certeza de que Clemente, ainda está no Castelo Sant'Angelo, e ele não estará em posição de desafiar meus desejos.'"

"Que mensagem maravilhosa!" eu gritei.

Eu me joguei em seus braços, esquecendo toda formalidade devida à Rainha, e rimos juntas, embora estivéssemos perto das lágrimas.

HOUVE TANTO sobre esse assunto que aprendi mais tarde, e pude juntar as informações como peças de um quebra-cabeça. Consequentemente, agora eu entendo mais do que na época em que aconteceu.

Acho que poucos de nós acreditavam na época que o Rei realmente pretendia se casar com Anne Boleyn. Parecia então preposteramente absurdo; mas meu pai era um homem muito poderoso; ele era o governante despótico de nosso país, e eram apenas os líderes de outros países que poderiam impedir que ele fizesse o que quisesse. O divórcio teria sido resolvido em alguns meses, não fosse o fato de a Rainha ser tia do homem mais poderoso da Europa; e, sendo uma questão da Igreja, o Papa estava envolvido — e esse Papa era agora virtualmente prisioneiro do Imperador.

Posso imaginar como meu pai se enfureceu contra o destino que havia organizado o Saque de Roma nesse momento. Um papa dócil poderia ter concedido o divórcio, como papas haviam feito no passado para homens poderosos que o buscavam — e o assunto teria se encerrado.

Mas o que era uma má sorte amaldiçoada para meu pai foi boa para minha mãe e para mim. Eu sabia que ela acreditava até que fosse provado o contrário que o atraso traria meu pai à razão e que ele se cansaria do jogo de espera. A prevaricação e quaisquer obstáculos que se colocassem no caminho de meu pai para atingir seu objetivo eram bem-vindos.

Agora que tudo está claro, e olhando para os fatos conhecidos por muitos, é fácil entender. Ele realmente pretendia se casar com Anne Boleyn. Ele estava tão enamorado dela, e ela estava decidida. Ela não seria sua amante, então se ele a possuísse, teria que se casar com ela. Alguém teria que ceder. Eu sempre me perguntava sobre sua consciência. Ele falava dela frequentemente, e ela sempre estava lá para ajudá-lo a conseguir o que queria. Ela estava o servindo bem sobre essa questão do divórcio. Deve ter sido tão reconfortante culpar sua consciência e não sua luxúria. Curiosamente, às vezes tenho certeza de que ele realmente acreditava nessa consciência. Isso o forçou a agir contra Wolsey e provavelmente foi o início da ruptura entre eles.

Wolsey não era contrário ao divórcio. Sem dúvida, concordava que um herdeiro homem seria uma vantagem, e estava claro que meu pai nunca conseguiria um de minha mãe. Ela era muito mais velha do que ele, e mesmo quando era mais jovem, havia mostrado o quão difícil era para ela gerar crianças saudáveis. O tema constante todos esses anos tinha sido: Todas aquelas tentativas e apenas uma filha!

Então Wolsey era a favor do divórcio, mas certamente não do casamento com Anne Boleyn. Ele deve ter temido o aumento do poder de sua família. Anne Boleyn era sua proclamada inimiga. Ela o culpava por romper o noivado entre ela e Henry Percy, embora

ela devesse, a essa altura, saber que ele estava agindo sob as ordens do Rei. Não podia haver alegria para Wolsey em um casamento entre Anne Boleyn e o Rei, então ele estava tramando para trazer uma aliança mais forte com uma princesa francesa para substituir minha mãe.

O Rei, que normalmente teria expressado seu prazer e esperado que todos se conformassem com seus desejos, desconfiava de Wolsey, pois sabia que ele estava propondo algo que pareceria ultrajante para a maioria de seus cortesãos. Primeiro, ele queria o divórcio, e Wolsey deveria ser apresentado com um fato consumado. Eu sempre me perguntei por que ele não era tão franco quanto poderia ter sido com Wolsey. Pode ter sido porque ele respeitava o homem e realmente o tinha uma grande afeição. De qualquer forma, ele permitiu que Wolsey fosse à França e obtivesse a aprovação de François para o divórcio e sugerisse o casamento do Rei com uma das princesas da França.

Meu pai havia chamado sua consciência tantas vezes que ela começou a ter vida própria e nem sempre seria guiada por ele. Agora começava a perturbá-lo por causa de seu relacionamento anterior com Mary Boleyn e, uma vez que havia vivido em termos íntimos com a irmã da mulher que pretendia casar, ele não estava em uma posição semelhante àquela que estava tentando acusar minha mãe? Eu soube disso porque mais tarde veio à tona que ele havia enviado um de seus secretários, um certo Dr. Knight, ao Papa para obter uma dispensa antecipada, para que pudesse se sentir perfeitamente livre para se casar com Anne.

Essa missão teve que ser mantida em segredo de Wolsey, que na época estava se apresentando a François sugerindo um casamento francês para o Rei. Então, meu pai estava jogando um jogo duplo em seu círculo imediato. Coitado de Wolsey. Embora não fosse amigo de minha mãe e de mim, e pudesse nos abandonar sem remorso se fosse necessário, eu conseguia poupar um pouco de piedade para ele. Ele havia subido tão alto, e é sempre mais difícil para essas pessoas quando a queda acontece.

Eu consegui ver Wolsey partindo em sua missão. Orgulho e amor pelo esplendor seriam sua ruína, pensei naquela época. Ele cavalgava com tanto esplendor quanto o Rei. Ele estava no centro de sua comitiva em sua mula adornada de veludo escarlate, com estribos de cobre e dourados. Duas cruzes de prata, duas colunas de prata, o Grande Selo da Inglaterra e seu Chapéu de Cardeal eram todos carregados antes dele. Era um espetáculo magnífico, e as pessoas saíam de suas casas para dar uma olhada enquanto passava. Eles observavam silenciosamente, murmurando baixinho "Cachorro do açougueiro".

Eu aprendi que os humildes, em vez de admirarem aqueles que subiram, são consumidos por inveja a ponto de não conseguirem conter sua animosidade. Eu muitas vezes me perguntava por que eles não os consideravam como um exemplo a ser seguido; mas não, eles preferiam odiar. O esplendor exagerado de Wolsey aumentava a raiva deles contra ele, eu acreditava. Eles não gostavam de seu hábito de carregar uma laranja cheia de unguentos como antídoto para os maus odores que vinham da multidão. Isso parecia destacar a diferença entre eles e ele. Não era surpresa que isso aumentasse o ressentimento.

Deve ter sido durante essa visita à França que Wolsey percebeu que sua influência com o Rei estava em declínio, pois um de seus espiões conseguiu roubar documentos da bagagem do Dr. Knight, e assim o Cardeal soube que meu pai havia enviado o Dr. Knight para agir completamente contra ele. Estava escrito nas parede. O que Wolsey poderia fazer? Como ele poderia assumir qualquer autoridade se o Rei estava agindo contra ele? Ele deve ter voltado daquela visita à França como um homem desiludido.

Eu soube sobre seu retorno. O Rei estava cercado por seus cortesãos, Anne Boleyn ao seu lado, quando Wolsey enviou um mensageiro para informá-lo de sua chegada, esperando que meu pai lhe dissesse que o receberia imediatamente e naturalmente em particular. Ele estava sujo da viagem e queria se lavar e trocar de roupa antes de encontrar o Rei, mas Anne ordenou imperiosamente que ele fosse até eles como estava, ali na sala de banquetes. Wolsey ficou consternado. Este não era o tratamento ao qual ele estava acostumado, mas quando o Rei não revogou a ordem de Anne Boleyn, ele deve ter sabido que era o fim.

O Rei pretendia se casar com a mulher; e prevendo, inteligente como era, Wolsey podia ver que não haveria lugar para ele na Corte enquanto ela estivesse lá.

Quando minha mãe ouviu o que havia acontecido, ela ficou muito melancólica.

Parecia que o Rei estava determinado.

Ela disse: "Mas o tempo está a nosso favor. Ele se cansará dela no devido tempo. Tenho certeza disso."

Ela estava certa de certa forma, mas ela não via isso. Talvez ela o conhecesse muito bem para confiar em sua fidelidade. Deus sabe, ela teve experiência com sua natureza nesse aspecto.

Não havia muito conforto para nós, exceto no amor e apoio do povo. Quando minha mãe e eu pegamos uma barcaça de Greenwich para Richmond, eles se alinharam as margens do rio para nos aplaudir. O som era encorajador. "Viva a Rainha! Viva a Princesa!"

Será que imaginamos isso ou havia um fervor extra em seus aplausos? Quanto eles sabiam do plano do Rei de substituir minha mãe e deserdar-me?

HAVIA PROBLEMAS EM TODA PARTE. Meu pai estava em termos hostis com o Imperador. Não havia dúvida de que ele ficou chocado com as tentativas de meu pai de divorciar-se de minha mãe e considerou isso como um insulto à Espanha. Eu me regozijava que ela tivesse um defensor tão forte. Isso significava uma paralisação no comércio, o que causou agitação no país. A Inglaterra fazia um certo volume de negócios com a Espanha, mas o comércio com os Países Baixos era vital para nosso povo e especialmente para os fabricantes de roupas de Suffolk. Como antes, os fabricantes acharam necessário demitir trabalhadores e houve um retorno dos tumultos.

Meu pai sempre temia perder o afeto de seus súditos. Eu nunca tinha visto alguém tão encantado com a aprovação quanto ele. Déspota que era, ele queria ser amado. Foi uma medida de seu encanto por Anne Boleyn que ele arriscou o desagrado deles.

No entanto, houve uma trégua imediata com os Países Baixos.

Então o desastre aconteceu. A peste sudorípara chegou à Inglaterra.

Esta era a doença mais temida que parecia atingir nosso país mais do que qualquer outro, a tal ponto que muitas vezes era conhecida como a "Sudorese Inglesa". Havia uma superstição sobre isso porque havia aparecido pela primeira vez no ano de 1485, na época da batalha de Bosworth Field, quando meu avô, Henry VII, havia se tornado rei após derrotar Richard III. As pessoas diziam que era uma vingança dos Tudors por terem usurpado o trono; e agora aqui estava novamente quando meu pai estava contemplando se divorciar de minha mãe.

Era temida por todos e era assim chamada porque a vítima era atingida até a morte - que geralmente era o resultado - por suores profusos. Era uma febre violenta; tornava aqueles que sofriam com dores de cabeça e estômago e uma terrível letargia. O calor que o paciente tinha que suportar era intenso, e qualquer tentativa de resfriá-lo significava morte instantânea.

Quando vítimas foram descobertas em Londres, houve grande consternação.

A Corte se dispersou. O Rei acreditava que a melhor maneira de escapar da doença era partir para o campo sem demora e mudar de lugar em lugar, e foi isso que ele fez.

Eu não pude deixar de sentir grande satisfação quando soube que Anne Boleyn havia contraído a doença. Ela foi imediatamente enviada para Hever, bem longe da Corte.

Meu pai estava profundamente angustiado e enviou seu segundo melhor médico - apenas porque o primeiro estava ausente - para cuidar dela. Este era o Dr. Butts, um homem de grande reputação. Ouvi dizer que meu pai estava em pânico com medo de que ela morresse.

Francamente, eu esperava que ela morresse.

Eu disse a minha mãe e à Condessa: "Esta é a resposta de Deus. Quando ela morrer, todos os nossos problemas acabarão."

Minha mãe respondeu: "Pode ser que a morte dela não seja o fim de nossos problemas."

Eu retorqui com raiva: "Meu pai diz que teme que seu casamento não seja verdadeiro, mas a verdade é que ele quer se casar com Anne Boleyn."

A Condessa olhou para mim fixamente. Desde que sabiam que eu estava ciente do que estava acontecendo, eles me tratavam mais como um adulto, falando francamente comigo - e pelo menos eu era grata por isso.

Ela disse: "Ele quer se casar com Anne Boleyn, mas é verdade que ele também quer filhos."

"E ele acha que ela os fornecerá."

"Ele tem dois desejos - um por ela e outro por filhos."

"E se ela não pudesse tê-los?"

A Condessa disse lentamente: "Bem, então dependeria..."

"Dependeria do quê?"

"Quão profundo é o sentimento dele por ela? É amor? Talvez nunca saibamos. Direi isso: tenho a sensação de que essas negociações se arrastarão por muito, muito tempo."

"Mas eu queria que ela morresse", eu disse. "Isso nos pouparia de muita infelicidade se ela morresse."

A Condessa ficou em silêncio. Eu tinha certeza de que ela concordava comigo que essa seria a melhor solução.

DURANTE ESSE PERÍODO, todos na Corte perceberam quão obcecado o Rei estava por Anne Boleyn. Eu estava em desespero profundo. Meu ódio pela mulher eclipsava tudo para mim; ela nunca saía dos meus pensamentos. Eu me regozijava com o fato de que ela estava sofrendo com a temida doença. Eu me lembrava repetidamente de que não eram muitos os que sobreviviam. As pessoas diziam que era um castigo de Deus. Certamente, se a ira de Deus devesse se voltar contra alguém, deveria ser Anne Boleyn. Então eu aumentei meu ódio. Eu orei pela morte dela. Que maravilhosa libertação isso seria!

Meu pai escrevia frequentemente para ela. Ele estava mergulhado na melancolia. A cada hora ele esperava notícias de Hever. Assim como eu... pelas notícias de que ela estava morta.

Mas ela não morreu. Ela foi cuidada de volta à saúde por sua dedicada madrasta. Meu pai estava alegre. Sua amada estava salva. Enquanto isso, minha mãe e eu viajávamos de um lugar para outro com a Corte.

"Deus não está do nosso lado", eu disse amargamente, e minha mãe me admoestou.

"Seja o que for que aconteça", ela disse, "devemos suportar porque é a vontade de Deus." Então, quando a epidemia acabou, estávamos na mesma posição em que estávamos antes de começar.

Aquele ano foi o mais infeliz que eu tinha vivido - até então. Eu não sabia na época, felizmente, que era apenas o começo. Eu agradeci a Deus por estar cercada por aqueles que eu amava. Eu estava com minha mãe todos os dias, eu tinha minha querida Condessa, e também havia Lady Willoughby, a maior amiga de minha mãe. Maria de Salinas estava com ela quando veio da Espanha e permaneceu ao seu lado desde então. Ela havia se casado na Inglaterra e se tornado Lady Willoughby, mas sua amizade permaneceu firme.

Então, é claro, havia Reginald. Quão grata eu era por sua companhia. Ele havia dito que não ficaria na Inglaterra, mas acho que talvez minha necessidade dele o fez mudar de ideia. Ele gostava muito de minha mãe e, como todos nós, ficava muito triste com seu sofrimento.

Eu teria treze anos em fevereiro do ano seguinte. Talvez eu me elogie, mas tenho certeza de que parecia uma garota pelo menos quatro anos mais velha. Minha educação e criação fizeram isso por mim. Além disso, desde muito jovem, eu estava ciente de minhas responsabilidades e de um grande futuro, seja como esposa de um monarca ou como governante por direito próprio.

Eu estava frequentemente na companhia de Reginald - de fato, acredito que ele buscava isso, pois claramente estava ansioso que assim fosse. A única luminosidade naqueles dias vinha dele. O que era tão gratificante era que ele me tratava como uma adulta, e com ele eu comecei a ter uma visão mais clara da situação. Meu pai gostava muito de Reginald, pois tinha grande respeito pelo conhecimento. Ele o chamaria e eles caminhariam pela galeria falando de religião e, é claro, do assunto que estava mais em sua mente: seu desejo de fazer o que era certo; seus temores de ter ofendido a Deus vivendo com uma dama que não era verdadeiramente sua esposa. Tudo o que ele contava a Reginald, buscando ganhar sua simpatia em sua causa, eu acredito, porque ele se importava muito com as opiniões dos estudiosos.

Deve ter sido difícil para Reginald, cujas simpatias estavam com minha mãe e comigo, escolher suas palavras cuidadosamente, pois eu tinha certeza de que se meu pai achasse que ele não concordava com ele, ficaria muito zangado. Às vezes, eu tremia por Reginald durante esses encontros, mas ele era esperto; ele tinha uma maneira com palavras e realmente aprendeu muito sobre o que estava na mente do Rei durante essas entrevistas. Mas eu conhecia o temperamento de meu pai e estava inquieta.

Meu pai era, de certa forma, um homem simples. Ele fazia muito de Reginald, chamando-o de primo, e quando caminhavam pela galeria colocava o braço em volta dos ombros de Reginald. No fundo de sua mente estaria a lembrança do que seu pai havia feito ao Conde de Warwick porque ele temia que as pessoas pensassem que Plantageneta Warwick tinha um direito maior ao trono do que Henrique Tudor. Mais tarde, quando comecei a entender mais o caráter de meu pai, pude acreditar que ele queria fazer muito por Reginald porque estava aplacando o céu de certa forma pelo assassinato do tio de Reginald.

Quão inquietantes eram aqueles dias em que nunca sabíamos que evento importante ia eclodir.

Então, meu consolo era Reginald.

Foi ele quem me disse que o Papa agora havia sido liberado e estava neste momento em Orvieto tentando construir uma Corte lá.

"Ele está em um dilema", disse Reginald. "O Rei está exigindo um julgamento a seu favor, e ele é poderoso demais para ser desafiado. Mas como ele pode desafiar o Imperador?"

"Ele deve fazer o que considera certo."

"Você pede muito a ele", disse Reginald com um sorriso irônico.

"Mas certamente como cristão..."

Reginald balançou a cabeça. "Ele ainda está nas mãos do Imperador. Mas, quem sabe, na próxima semana tudo pode ser diferente. Ele está em uma posição muito fraca para desafiar alguém."

"Então o que ele fará?"

"Vamos ver."

E vimos. Foi Reginald quem me disse: "O Papa está enviando o Cardeal Campeggio para a Inglaterra."

"Isso é uma coisa boa?", perguntei.

Reginald levantou os ombros. "Teremos que esperar para ver. Ele irá julgar o caso com o Cardeal Wolsey."

"Wolsey! Mas ele estará a favor do Rei."

"Não deveria ser uma questão de estar a favor de um ou de outro. Deveria ser uma questão de justiça."

"Eu temo que isso causará mais ansiedade para minha mãe. Eu me preocupo muito com ela, e acho que ela se preocupa demais comigo. Acho que ela está lutando por mim em vez dela mesma."

"Ela é uma santa, e é verdade que ela luta por você. Mas você é a maior esperança dela. O povo a ama. Você fortalece o caso dela. O povo torce por você. Eles te chamam de sua Princesa, o que significa que te veem como herdeira do trono. Eles não aceitarão outra."

"Eu nunca pensei que algo assim pudesse acontecer."

"Nenhum de nós pode ver adiante. Nenhum de nós sabe o que o futuro nos reserva."

"Reginald", eu disse, "você não vai embora ainda?"

Ele olhou para mim ternamente. "Enquanto me for permitido permanecer aqui, eu permanecerei."

Ele pegou minha mão e a beijou.

"Espero que você nunca vá embora", eu disse a ele. Ele apertou minha mão firmemente, depois a soltou e se afastou.

Eu sabia que havia algum sentimento especial entre nós, e fiquei feliz por não ter ocorrido casamento com o Imperador Charles. Meu noivado com o pequeno Príncipe da França eu não considerava. Eu estava certa de que não daria em nada.

Deve ser assim.... por causa de Reginald.

É UMA HISTÓRIA antiga agora. Todos sabem que o Cardeal Campeggio não chegou à Inglaterra até outubro, embora tivesse saído de Roma três meses antes. Ele era tão velho, tão cheio de gota, que teve que fazer a viagem em estágios muito lentos, descansando por semanas quando os ataques causados pelo desconforto se prolongavam.

Reginald, que era muito perspicaz em todos os assuntos, me confidenciou que acreditava que Campeggio não tinha a intenção de tomar uma decisão que iria contra o Imperador. Como poderia, quando o Imperador estaria observando o desfecho com tanto interesse? Ele não ousaria dar o veredicto que o Rei queria, pois desagradaria ao Imperador, e ir contra o Rei despertaria sua ira.

"Que posição terrível para um pobre homem velho e doente estar!" ele disse. "Eu acredito que o Papa enviou Campeggio por causa de sua enfermidade. Por que ele não enviaria um homem saudável? Oh, tenho certeza de que Campeggio tem suas instruções para atrasar."

Reginald entendia desses assuntos; ele tinha viajado bastante pelo Continente e tinha uma visão política e compreensão da mente humana.

E como ele estava certo!

Soube por Reginald que o Rei estava furioso. Ele havia dito a ele que esse homem Campeggio estava determinado a tornar as coisas mais difíceis. "'Ele veio aqui não tanto para julgar o caso, mas para falar comigo. Como se eu precisasse de conversa!' ele gritou. Ele citou sua irmã da Escócia, que se divorciou de seu segundo marido, o Conde de Angus. Luís XII da França havia sido divorciado de Joana de Valois sem muito alarde. Por que toda essa preparação, já que o Rei da Inglaterra estava tão preocupado com seu país, ao qual ele deveria dar um filho, e estava apenas pedindo uma chance de fazê-lo? Assim ele continuou. Ele agarrou meu braço com tanta força. Fiquei feliz por ele não esperar que eu falasse."

"Oh, você deve ter cuidado."

"Minha querida Princesa, pode ter certeza de que terei. O que me alarmou - perdoe-me por incomodar você, mas acho que você deveria ver o caso claramente - é que o Rei ficou furioso quando o Cardeal sugeriu que o Papa estaria mais do que disposto a alterar a dispensa e deixar claro que o casamento do Rei com a Rainha era válido."

"Eu sei que ele não quer isso. Ele está cego por sua paixão por essa mulher."

"Isso... e seu desejo por um filho."

"Como ele pode ter certeza de que ela pode lhe dar um?"

"Ele tem que arriscar isso, e ele está determinado a ter a oportunidade de tentar."

Fiquei feliz por estarmos preparados, pois pouco depois Campeggio e Wolsey foram visitar minha mãe.

Eu estava com ela quando chegaram e me preparei para sair, mas ela disse: "Não, fique, filha. Isso diz respeito a você tanto quanto a mim."

Fiquei feliz em ficar.

Eles eram formidáveis, os dois, em suas vestes escarlates, trazendo consigo uma aura de santidade e poder. Eles queriam nos impressionar com o fato de que vinham da mais alta autoridade, Sua Santidade o Papa.

Eles hesitaram em permitir que eu ficasse, mas minha mãe foi inflexível e aparentemente eles acharam que minha presença não faria mal.

Wolsey começou citando casos em que casamentos reais haviam sido anulados por razões de estado. O que meu pai havia mencionado com Reginald foi mencionado - o de Luís XII e Joana de Valois.

"A dama se retirou para um convento", disse Wolsey, "e lá desfrutou de uma vida de santidade até o final de seus dias."

"Eu não farei isso", respondeu minha mãe. "Eu sou a Rainha. Minha filha é a herdeira do trono. Se eu concordar com isso, dirão que estou expiando o pecado de ter vivido com o

Rei quando não era sua esposa. Isso é uma mentira descarada, e eu não darei crédito a isso. Além disso, a Princesa Mary é a filha legítima do Rei, e a menos que tenhamos um filho, ela permanecerá herdeira do trono."

Wolsey implorou para que ela aceitasse seu conselho.

Ela se virou para ele imediatamente. "Você é o advogado do Rei, Cardeal", ela disse. "Eu não poderia aceitar conselhos de você."

Campeggio inclinou-se para a frente em sua cadeira e acariciou a coxa, seu rosto momentaneamente contorcido de dor. "Vossa Graça", ele disse, "o Rei está determinado a trazer a verdade à luz."

"Não há nada que eu queira mais", retrucou minha mãe.

"Se este assunto fosse levado a julgamento, poderia ser muito angustiante para você."

"Eu sei a verdade", ela respondeu. "Seria bom para todos saberem disso."

"Sua Graça estava casada com o Príncipe Arthur. Vocês viveram juntos por algum tempo. Se o casamento foi consumado..."

"O casamento não foi consumado."

"Isso deve ser colocado à prova."

"Como?"

"Aqueles que a serviram quando você e seu primeiro marido estavam juntos podem ter evidências."

Minha mãe o olhou com desprezo. Ela o considerava como um de seus maiores inimigos há algum tempo.

"Sua Graça, confessaria para mim?" perguntou Campeggio.

Ela o olhou fixamente. Ela deve ter visto, como eu vi, um pobre homem velho e doente que não tinha simpatia por sua tarefa. Ele pode não ser seu amigo, mas também não era seu inimigo. Além disso, ele era o mensageiro do Papa e ela confiava nele.

"Sim", ela disse, "eu confessaria."

Fui dispensada então, e ela e Campeggio entraram em seu closet particular. Ela me contou depois que ele a questionou sobre seu primeiro casamento. "Eu contei a verdade", ela disse. "Jurei pelo nome da Santíssima Trindade. Eles não podem me condenar. A verdade deve prevalecer. Eu sou a verdadeira esposa do Rei e não serei descartada."

AGORA EU ESTAVA ENTRANDO em um dos períodos mais angustiantes da minha vida até então. É bem sabido que o Tribunal Legatino foi aberto em Blackfriars em 1529 e, quando meus pais foram chamados para apresentar seus casos, minha mãe se jogou aos pés do meu pai e implorou para que ele lembrasse da felicidade que já compartilharam e considerasse a honra de sua filha.

Eu podia imaginar seu constrangimento e como ele declarou que, se ao menos pudesse acreditar que não estava vivendo em pecado com ela, ela seria a escolhida acima de todas as outras para ser sua esposa.

Eu me perguntava como ele podia proferir tal hipocrisia descarada quando todos sabiam que sua paixão por Anne Boleyn era a principal razão de seu desejo pelo divórcio, já que ela não se tornaria sua amante, mas insistia no casamento.

É de conhecimento comum que minha mãe declarou que responderia a nenhum tribunal além do de Roma, que se retirou e, quando chamada, não voltaria. Ainda me maravilho com meu pai. Me perguntava como ele poderia afirmar que sua razão para querer o divórcio se devia exclusivamente ao seu medo de ofender a Deus quando todos sabiam de sua obsessão. Por sentir que eu era um obstáculo para a realização de seus desejos devido à atitude das pessoas em relação a mim e ao fato de eu ser indubitavelmente sua filha, ele estava ansioso para me casar e me tirar de cena. A possibilidade de eu me casar com o pequeno Príncipe francês estava se tornando cada vez mais remota, e, de qualquer forma, isso não aconteceria por anos. E em um estágio, o Rei teve a audácia de sugerir um casamento entre eu e Henry Fitzroy, Duque de Richmond. Como ele, fingindo estar tão perturbado por sua ligação com a viúva de seu irmão, poderia sugerir que eu me casasse com meu meio-irmão!

Foi bom que essa sugestão não se tornasse amplamente conhecida, mas eu fiquei surpresa que a possibilidade tivesse passado pela mente dele e que o Papa considerasse a ideia e estivesse disposto a fornecer a dispensa necessária. Isso me fez perceber que a maioria dos homens estava completamente preocupada com seu próprio poder e faria qualquer coisa, por mais desonesta que fosse, para mantê-lo. Eu estava desenvolvendo um certo cinismo.

Não fiquei surpresa que minha mãe estivesse em desespero. Como ela, em um mundo assim, poderia esperar por justiça!

"O que você acha?" ela disse à Condessa. "Algum homem inglês que é súdito do Rei será meu amigo e irá contra o desejo do Rei?"

Reginald cada vez mais se convencia de que Campeggio havia recebido ordens para não concluir o assunto e que sua tarefa era atrasar o máximo possível. Parecia que ele fazia isso com certa habilidade, enquanto meu pai ficava cada vez mais irritado à medida que o caso arrastava e nada era alcançado.

O que Reginald havia profetizado aconteceu. O Papa chamou Campeggio de volta. Foi anunciado que o caso seria julgado em Roma. Minha mãe estava jubilante, meu pai indignado. Ambos sabiam que Roma jamais ousaria ofender o Imperador a ponto de dar o veredicto desejado pelo Rei. Naturalmente, ele se recusou a deixar o país.

Durante essas semanas cansativas, minha mãe e eu éramos sustentadas apenas uma pela outra e pelos nossos amigos. A cena ao nosso redor estava mudando. Anne Boleyn estava agora instalada na Corte; ela era a Rainha em tudo, exceto no nome; mas ainda mantinha meu pai à distância. Assim, ela mantinha seu poder sobre ele. Wolsey estava em desgraça; ele havia falhado; segundo o Rei, ele havia servido seu mestre, o Papa, contra o Rei, e isso era algo que meu pai não suportaria. Pobre Wolsey! Eu podia sentir um certo pesar

em meu coração por ele. Ter subido tão alto e agora cair tão baixo - era uma tragédia, e não se podia deixar de comiserar um pouco mesmo que ele não tivesse sido amigo de nós. Ele havia trabalhado pelo divórcio; onde ele falhou foi em não trabalhar pelo casamento do Rei e Anne Boleyn.

Campeggio havia deixado o país, e o Rei estava tão furioso com o velho que ordenou que sua bagagem fosse revistada antes de embarcar para o Continente. Campeggio reclamou amargamente dessa indignidade - um assunto pequeno quando se considerava o que estava acontecendo com Wolsey.

Thomas Cranmer havia saltado para a proeminência sugerindo que o Rei apelasse para as universidades da Inglaterra e da Europa em vez de confiar em um tribunal papal. Isso foi de grande favor com ao Rei, que suspeitava - corretamente - que subornos distribuídos lá poderiam trazer o resultado desejado.

Eu estava profundamente cansada e desanimada - e completamente desiludida - com todo o assunto.

Quando olho para trás nesses três anos de 1529 a 1531, não me surpreende que a saúde de minha mãe, e a minha também, tenha se deteriorado. Ela estava realmente doente, e eu estava ficando pálida e sofrendo de dores de cabeça. Mas pelo menos estávamos juntas na maior parte do tempo, embora eu tivesse uma casa separada em Newhall, perto de Chelmsford, em Essex. Minha mãe ainda vivia como a Rainha e se mudava de lugar com a Corte, mas estava sendo mais e mais ignorada, e muitas vezes o Rei a deixava e ia para algum outro lugar com Anne Boleyn. Pelo menos eu era confortada pela companhia constante da Condessa e de seu filho.

Eu sabia que causava alguma preocupação ao Rei. Não que ele se importasse com o meu bem-estar, mas acreditava que eu era um impedimento para a concessão do divórcio e que, se não fosse pelo fato de ela estar determinada a lutar pelos meus direitos, minha mãe já teria entrado em um convento e todo o assunto poderia ter sido resolvido.

Era triste ver minha mãe ficando cada vez mais frágil em saúde, embora ao mesmo tempo sua resolução fosse tão forte quanto sempre e crescesse mais forte, acho, a cada dia que passava e com cada nova dificuldade.

Costumávamos costurar juntas e ler a Bíblia. Ela gostava que eu lesse para ela. Ela me disse uma vez que o caminho para o Céu nunca é fácil e quanto mais tribulações sofremos na Terra, maior será a alegria quando formos recebidos no Céu. "Pense nos sofrimentos de nosso Senhor Jesus", ela disse. "O que são nossas dores em comparação com as Dele?"

Nós costumávamos orar juntas. Ela foi quem firmemente me inculcou minhas crenças religiosas. A religião era nosso bastão e conforto. Nunca esquecerei como ela nos sustentou durante aqueles dias.

Minha mãe e eu éramos tão próximas que acho que às vezes sabíamos o que se passava na mente uma da outra. Eu sei que ela ansiava pela morte - embora se agarrasse à vida porque acreditava que precisava lutar por mim. Ela nunca daria ao Rei o que ele pedia, pois isso significaria que ela aceitava o fato de que eu era filha ilegítima deles. Ela queria que eu fosse uma rainha. Ela queria que eu governasse o país com uma mão firme e amorosa. Ela acreditava que não havia observâncias religiosas suficientes na Inglaterra.

O povo, em sua maioria, não era uma raça piedosa. Eles estavam muito ocupados com diversões e adornos, e prestavam pouca atenção aos assuntos sagrados.

"Você precisa de um homem forte ao seu lado", ela disse para mim uma vez.

"Minha senhora, estou prometida ao filho do Rei da França."

"Isso não vai dar em nada. A amizade dos reis é como uma folha ao vento. Ela balança para cá e para lá, e quando o vento sopra forte o suficiente, ela cai no chão, é pisoteada e esquecida. Eu não quero vê-la casada com a França."

"Eu aposto que me casarei onde meu pai achar melhor."

"Minha querida filha, se eu pudesse vê-la casada com um homem bom, um homem de convicções religiosas profundas, alguém em quem eu pudesse confiar, eu poderia morrer feliz. Eu quero vê-la protegida do mal do mundo. Eu quero alguém que fique ao seu lado, pois sua posição pode ser difícil nos dias que virão. É meu sonho mais acalentado ver você no trono da Inglaterra, e quero que você tenha o homem certo ao seu lado quando estiver lá."

"Onde está esse homem?" perguntei, embora soubesse de quem ela estava pensando.

Mais uma vez ela leu meus pensamentos: "Minha filha, acho que você sabe. Sua mãe e eu observamos a crescente amizade entre vocês. É mais do que amizade. Sua mãe viu isso... e estamos de acordo nesse assunto."

Eu corri e disse calmamente: "Mas seria escolha dele?"

"Ele não deixou isso claro? Ele deveria deixar a Inglaterra. Ele deveria voltar para a Itália para concluir seus estudos, mas ele ainda está aqui."

Eu estava envolvida pela felicidade. Se ao menos fosse possível! Se eu pudesse ser poupada do destino que acometia a maioria das princesas, de ir para uma terra estrangeira, para um marido que eu nunca havia visto... se ao menos pudesse ser o Reginald!

Minha mãe estava sorrindo e parecia mais feliz do que se via há muito tempo. Ela disse: "Seria um casamento adequado. Ele tem sangue real. Ele é um Plantageneta, e você sabe como as pessoas o veem. Agora que não são mais governadas por eles, os veem como santos ou heróis. Alguns deles estavam longe disso... mas isso é a natureza humana e, neste caso, nos serve bem. Ah, minha criança, se ao menos fosse possível. Se eu pudesse ver isso acontecer, morreria feliz."

"Por favor, minha senhora, não fale em morrer. Você não deve me deixar agora. O que eu faria sem você?"

Ela largou o trabalho de agulha e estendeu os braços para mim. Nos abraçamos.

"Pronto", ela disse, "minha filha querida, você acha que eu já a deixaria se estivesse em meu poder ficar. Esteja certa de que, onde quer que eu esteja, estarei com você em espírito. Você é minha razão para lutar, para viver... sempre lembre disso."

Mais tarde, me perguntei se ela tinha uma premonição do que estava por vir.

Pouco depois, Reginald veio até mim em um estado muito sério.

Ele disse: "Princesa, eu tenho que partir." Minha consternação era evidente.

Ele estava em uma grande encruzilhada. Ele queria apoiar a causa de minha mãe, mas o Rei gostava dele, e esperava-se que ele estivesse em sua companhia. Era muito difícil para ele ser franco sobre seus sentimentos.

"Não posso ficar aqui", ele me disse, "sem deixar o Rei saber que não concordo com seus planos de divórcio."

"Você deixou ele ver que não aprova?"

"Ainda não, mas temo que em breve o farei. Acho difícil enganá-lo. Houve um tempo em que ele falava sobre outros assuntos, mas isso nunca está longe de sua mente, e logo ele descobrirá meus verdadeiros sentimentos."

"Reginald... tenha cuidado."

"Vou tentar, mas não posso dissimular para sempre. Isso pode custar minha cabeça."

"Não!"

"Lembre-se de que já estou em uma posição vulnerável por causa do meu nascimento. Se eu mostrar oposição ao Rei, minha vida valerá muito pouco."

"Oh, é cruel... cruel", eu chorei.

"Minha querida Princesa, temos que encarar os fatos. Eu pedi permissão a ele para ir a Paris estudar. Eu abandonei meus livros por tanto tempo."

"Você está indo embora", eu disse perplexa.

Ele pegou minha mão e olhou para mim seriamente. "Eu vou voltar", ele disse. "Assim que esse negócio miserável terminar, estarei com você. Temos muito o que conversar."

Ele me beijou ternamente na testa.

"É você, Princesa", ele disse, "quem eu odeio deixar."

Então ele partiu, e isso adicionou uma melancolia aos dias.

"Eu o persuadi a ir", a Condessa me disse. "A vida pode ser perigosa para aqueles que não concordam com o Rei."

Eu acho que todos estávamos pensando no Cardeal Wolsey, que havia perdido subitamente o favor do Rei e diziam que morreu de coração partido.

Ouvi dizer que o Rei havia enviado ordens a Reginald para obter opiniões favoráveis ao divórcio das universidades de Paris. Pobre Reginald! Como ele seria dilacerado. Eu não acreditava por um momento que ele obedeceria ao Rei. Era bom que ele estivesse fora do país. Talvez eu devesse me sentir mais feliz por isso, mas era tão triste perdê-lo.

Assim, vivemos esses dias. Muitas vezes minha mãe não estava conosco, mas a Condessa e eu falávamos frequentemente sobre ela e Reginald, e então não parecia que estavam tão longe.

A Condessa me disse que Reginald tinha um desgosto tão grande pela tarefa que o Rei lhe impusera que ele havia escrito pedindo para ser dispensado com o argumento de que lhe faltava experiência. Mas meu pai estava certo do poder de Reginald e enviou Edward Fox para ajudá-lo. Fiquei magoada quando soube que a resposta que o Rei queria tinha vindo de Paris, até descobrir que isso aconteceu por intervenção de François Premier, que, agora que seus filhos estavam livres e ele estava casado com Eleanora, era um homem livre.

Então o Rei mandou chamar Reginald de volta para casa.

Ele visitou sua mãe imediatamente, o que significava que ele veio até mim.

Nos abraçamos. Ele parecia menos sereno do que quando partiu. Estava muito perturbado com a situação.

"O Rei permanece determinado", ele disse. "Quanto mais obstáculos são colocados em seu caminho, mais forte é seu desejo de superá-los. Agora é uma batalha entre o poder da Igreja e o do Rei. E o Rei decidiu que não será derrotado pela Igreja. Ele terá o que quer, não importa as consequências. Em vez de uma batalha por uma mulher, está se tornando uma entre Igreja e Estado."

"E se for assim, significa que todos terão que escolher um lado. Eu sei de que lado o seu deve estar."

Ele assentiu. "Eu devo defender a Igreja."

"E agora o Rei mandou chamar você."

Ele assentiu. "Não se preocupe", ele disse. "Eu sei como cuidar de mim mesmo."

Eu estava encantada por tê-lo de volta, mas estava preocupada com o que aconteceria. Tentei me consolar com o fato de que o Rei sempre gostara dele. Reginald foi convocado à presença dele.

A Condessa estava em um estado de grande ansiedade; assim estávamos todos. Não parávamos de pensar no destino de Wolsey.

Parecia que, além do fato de que a questão do divórcio permanecia no mesmo impasse, tudo o mais estava mudando... especialmente meu pai. Ele estava irritado e temido por todos. Podia se voltar de repente contra aqueles que haviam sido seus melhores amigos. O conflito o obcecava dia e noite. Diziam que seu ódio contra o Papa era maior do que seu amor por Anne Boleyn.

Ele percebia onde estavam as simpatias de Reginald e, além de seu afeto por ele, tinha um grande respeito por sua erudição. Se conseguisse homens como Reginald ao seu lado, ficaria mais feliz. Além disso, Reginald era um Plantageneta. As pessoas se lembravam disso.

Ele ainda era leigo, embora tivesse a intenção de receber as Ordens Sagradas mais tarde na vida. Diziam depois que ele adiara isso porque pensava que um casamento poderia ser possível entre ele e eu. Pode ter sido, mas, mesmo sendo leigo, o Rei ofereceu a ele uma escolha alternativa: o Arcebispado de York e o de Winchester.

Era uma grande honra, mas Reginald sabia que era uma tentativa de obter seu apoio. Era difícil para ele recusar, com medo de ofender o Rei, mas, é claro, ele tinha que fazê-lo.

Ele falou sobre isso com sua mãe, e eu estava presente.

Ele disse: "Isso não pode continuar. Mais cedo ou mais tarde, vou ter que dizer ao Rei que não posso apoiá-lo nessa questão do divórcio."

"Talvez você devesse voltar para Paris", sugeriu sua mãe. "Por mais que eu odeie perdê-lo, não tenho paz enquanto você estiver aqui."

"Sinto que devo falar com ele", disse Reginald

"Falar com o Rei!"

"Acredito que posso fazê-lo ver que não encontrará felicidade através desse divórcio."

"Você nunca conseguiria isso. Ele está determinado a se casar com Anne Boleyn e como ele pode fazer isso se não houver divórcio?"

"Vou falar com ele. Vou apelar para a consciência dele."

"A consciência dele!" disse a Condessa com desdém.

"Ele se refere a isso constantemente. Sim, eu tomei minha decisão. Vou até ele. Vou pedir uma audiência. Sei que ele vai me ver."

Que agonias vivemos quando ele saiu de Newhall para a Corte. A Condessa e eu sentamos juntas em silêncio, imaginando o que aconteceria. Estávamos aterrorizadas por ele. Fiquei feliz que minha mãe não estivesse conosco. Eu tinha certeza de que ela teria ficado profundamente angustiada.

Quando Reginald voltou para nós de York Place, corremos para encontrá-lo. Ele parecia pálido e tenso. Tinha sido um encontro muito inquietante, ele nos contou.

"Implorei ao Rei que não arruinasse sua fama ou destruísse sua alma continuando com o assunto."

"E o que ele disse?" sussurrou a Condessa.

Reginald ficou em silêncio por um momento. Então ele disse lentamente: "Pensei que ele me mataria."

Cobri o rosto com a mão. Reginald sorriu e pôs a mão no meu braço. "Mas ele não fez", ele disse. "Veja. Estou aqui para contar a história.

"Ele ouviu você?" perguntou a Condessa incrédula.

"Não. Não depois das minhas primeiras frases. Ele estava muito irritado. Achou que eu tinha ido até ele com uma das sugestões que ele está recebendo de Cranmer e Cromwell. Enquanto eu estava falando, a mão dele foi para a adaga. Pensei que ele ia me esfaquear no coração sem mais delongas. O Rei é um homem estranho. Há tantas contradições em sua natureza. Ele pode ser tão implacável... e ao mesmo tempo sentimental. Muda de um momento para outro. É por isso que às vezes acreditamos no que ele diz, por mais ultrajante que seja. Poderíamos aceitar que ele quer esse divórcio apenas por causa de sua

consciência. Acreditamos que ele está realmente preocupado com o fato de ter se casado com a viúva de seu irmão, porque quando ele diz isso, parece acreditar sinceramente. Então, no próximo minuto, sabemos que é o desejo por esta mulher. Eu não o entendo. Eu não acredito que ele se entenda. Justo quando ele estava prestes a erguer a adaga e me golpear, pareceu lembrar que gostava de mim. Ele me olhou com raiva... e tristeza."

"E ele deixou você ir." Reginald assentiu.

"Ele gritou comigo, 'Você diz que entende minhas escrúpulos e sabe como eles devem ser tratados.' Foi como um perdão. Eu disse, 'Sim, Vossa Majestade.' 'Então escreva isso. Escreva isso', ele gritou. 'E me mostre quando estiver feito. E vá agora... vá... antes que eu seja tentado a fazer a você um mal.' Então eu fui, me sentindo profundamente ferido e ao mesmo tempo regozijando-me por ele não estar mais em dúvida quanto aos meus verdadeiros sentimentos."

Isso foi uma adição às nossas preocupações, mas pelo menos Reginald parecia em paz, e ele começou a escrever seu tratado.

Acho que meu pai realmente gostava dele, porque leu com interesse e não mostrou desprazer, embora Cromwell tenha dito que não deveria ser tornado público porque era contrário ao propósito do Rei; e ele acrescentou que os argumentos estavam registrados com sabedoria e elegância, mas teriam o efeito oposto do que o Rei queria.

Trememos de novo quando ouvimos isso.

"Esse homem Cromwell é uma influência maligna sobre o Rei", declarou Reginald. "Eu acredito que ele está tentando minar a supremacia da Igreja. Reze a Deus para que ele não tenha sucesso. O Rei não gosta do homem, mas está muito impressionado com seus argumentos. Estou com muito medo do que acontecerá a seguir."

Tivemos muitas conversas sérias depois disso. Sua mãe estava constantemente com medo, pois estava convencida de que ele estava em perigo agudo. Ela o persuadia a ir para o exterior. Ela me disse: "Eu sei que não queremos perdê-lo, nem ele deseja nos deixar, mas estou aterrorizada todos os dias que ele permanece."

"O que você acha que vai acontecer?" eu perguntei.

"A ideia de Cromwell é que o Rei deve romper com Roma e se proclamar Supremo Chefe da Igreja da Inglaterra. É isso que Reginald pensa que acontecerá. O Rei então exigirá ser aceito como tal, e aqueles que se recusarem a aceitá-lo — como todo bom homem da Igreja deve fazer — serão acusados de traição."

"Certamente meu pai nunca iria tão longe!"

"Ele está envolvido nesse assunto. É mais do que o desejo de se casar com Anne Boleyn. É uma batalha entre Igreja e Estado, e é uma que ele deve vencer para satisfazer a si mesmo."

"E você acha que Reginald..."

"Está em perigo se ficar. Ele deve sair agora... e ficar longe até que seja seguro para ele voltar."

Finalmente, sua mãe conseguiu persuadir Reginald a ir embora; mas primeiro ele deveria obter a permissão do Rei.

Lembro-me daquele dia em que Reginald se apresentou ao Rei. A Condessa estava totalmente a favor de sua ida embora e de escrever ao Rei de Paris, Pádua ou alguma distância segura; mas Reginald não concordaria com isso. Achava covarde.

Ele se apresentou ao meu pai e disse a ele que desejava continuar seus estudos no exterior. Ele nos contou depois o que aconteceu. O Rei foi amável com ele, e Reginald pôde dizer a ele francamente que não poderia ir contra sua consciência. Talvez o Rei fosse particularmente simpático em relação a consciências, pois ouviu com simpatia. Reginald disse a meu pai que acreditava que era errado divorciar-se da Rainha e, acontecesse o que acontecesse com ele, não poderia ir contra suas convicções.

O Rei estava mais triste do que zangado, e por fim concordou em permitir que Reginald fosse embora.

Como ficamos aliviados ao vê-lo chegar de volta para nós, mas esse alívio foi temperado com tristeza por vê-lo partir.

Eu estava muito melancólica. Tinha perdido um dos meus poucos amigos; e um dos melhores que eu teria.